



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

REBECA SOCORRO FONTES DE OLIVEIRA

**A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS UTILIZANDO O
RECURSO DA QUADRINHIZAÇÃO**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2017**

REBECA SOCORRO FONTES DE OLIVEIRA

**A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS UTILIZANDO O
RECURSO DA QUADRINHIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientador: **Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari.**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2017**

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

O49m	<p>Oliveira, Rebeca Socorro Fontes de</p> <p>A mediação de leitura literária para surdos utilizando o recurso da quadrinhização / Rebeca Socorro Fontes de Oliveira; orientadora Valéria Aparecida Bari. – São Cristóvão, 2017.</p> <p>75f. : il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia e documentação, 2017.</p> <p>1. Histórias em Quadrinhos. 2. Leitura Literária - Surdos. 3. Inclusão Social – Surdos. I. Bari, Valéria Aparecida, orient. II. Título.</p> <p>CDU: 028:741 CDD: 028.5</p>
------	--

A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS UTILIZANDO O RECURSO DA QUADRINHIZAÇÃO

REBECA SOCORRO FONTES DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Nota: _____

Data da apresentação: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Valéria Aparecida Bari
(Orientadora – DCI/UFS)

Profa. Dra. Janaina Ferreira Fialho Costa
(Membro convidado- Interno – DCI/UFS)

Profa. Ms. Niliane Cunha de Aguiar
(Membro Convidado- Interno - DCI/UFS)

Prof. Ms. Júlio Rocha da Silva
(Membro convidado – Suplente – CEHC/UFS)

AGRADECIMENTOS

“Nem os olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem ninguém imaginou o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.” (I Coríntios 2:9)

GRATIDÃO é a palavra que invade o meu ser, neste momento tão importante em minha vida. Muitos foram os obstáculos e inúmeras as dificuldades. Cheguei até pensar em desistir, porém o incentivo, orientação, oração e muito carinho me fizeram acordar e encarar as adversidades e continuar lutando por esta realização. Só tenho mesmo que agradecer. Primeiramente ao meu Deus pelo amor, cuidado e misericórdia dispensados em meu favor. A minha vida é um verdadeiro milagre e tenho certeza que o que Ele tem reservado pra mim é algo maravilhoso e surpreendente, serei eternamente grata por isso. Aos meus pais, bênçãos da minha vida, Damares e Jubal pelo incentivo e cuidado que sempre me levaram a seguir em frente, me dando forças para vencer os desafios encontrados. Mãe, nunca vou esquecer o que você fez para que eu chegasse até aqui. Parte disso tudo, devo a sua perseverança, paciência, carinho, dedicação tudo isso são características que levo para minha vida pessoal, modelo de equilíbrio e sabedoria. Você é uma mãe maravilhosa, te amo! Ao meu irmão, Josué, que esteve comigo presente no dia-a-dia e que me ajudou sempre que precisei! Amo muito você, meu galeguinho! A minha irmã Tizzarh, Júnior (in memorian) e Márcio, por torcerem pelo meu sucesso! Às minhas queridas e amadas tias, Dorcas e Débora que considero como mãe também, por me acolherem tão bem, por todo o incentivo e carinho e com elas carrego a certeza de que nunca estarei só, amo vocês! Às minhas amadas avós Magally e Betinha por todo carinho e orações, exemplos de fé e sabedoria! À família Fontes e Oliveira, peça chave que representa equilíbrio e exemplo, serei sempre grata. À minha querida “tia” Angélica Viana e o seu filho, meu amigo de infância, Miltinho, bênçãos da minha vida, que indo morar em São Paulo me acolheram em sua casa durante todo o meu tratamento auditivo até hoje. Amo vocês! Às minhas amigas de infância colegial, Julianna e Isa Maria, por maior que seja a distância que nos separa, ela nunca apagará o que nos une. Obrigada por todo apoio e por torcerem pelo meu sucesso! Ao trio inseparável, minhas meninas, Vilauba e Jéssica, só amores! Obrigada por tudo! Aos demais amigos, agradeço toda torcida!

Sem a estrutura criada para minha inclusão na Universidade de Sergipe, não teria concretizado esse objetivo: agradeço a todos tradutores, profissionais e educadores da Divisão de Ações Inclusivas (DAIN/UFS) e espero que outras pessoas como eu encontrem essa universidade de portas abertas. À Prof. Dr. Valéria Bari, minha orientadora, sou grata pelo incentivo, pela paciência, por ter acreditado e confiado em mim desde o início do curso, me ensinando a enfrentar e vencer os obstáculos. Agradeço também aos demais professores do curso de Biblioteconomia, por partilhar conhecimento e ensinamentos para a vida. Minha veterana Vanderlea Nobrega, que me conhece desde criança, você foi a primeira pessoa que me encorajou a fazer esse curso, que a partir da sua experiência daria certo para mim, valeu minha gata! Minha veterana Shirley Ferreira, obrigada pelo seu incentivo e amizade! E por fim agradeço a todos que compartilharam comigo esta jornada de conhecimento!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo a verificação do potencial de mediação da leitura literária para universitários surdos, por meio da utilização do recurso já disponível e acessível das adaptações na linguagem das histórias em quadrinhos. O conteúdo é voltado para a proposta de práticas de leitura literária, sejam as mesmas voltadas para o lazer ou para a satisfação de necessidades informacionais referentes aos conteúdos disciplinares dos programas de graduação em nível superior. O foco principal do trabalho de conclusão de curso é discutir sobre a mediação de leitura para pessoas surdas por meio da utilização de adaptações literárias em quadrinhos, que vamos usar o termo quadrinhizações. A coleção Clássicos em HQ da Editora Peirópolis foi escolhida como amostra de obras adaptadas, por ser editada para a mediação de leitura literária de todos leitores iniciantes, o que mostra propriedade de formato universal de leitura. O objetivo principal da pesquisa é mostrar a possibilidade de mediação da leitura literária para surdos, utilizando o recurso já disponível e acessível de quadrinhização literária. A situação problemática que levou à pesquisa é a falta de desenvolvimento de competências, habilidades, hábitos e gostos leitores dos surdos, com a falta de recursos de leitura em modelo universal, falta de preparação de mediadores, falta de biblioteca escolar e sala de recursos especiais equipada, falta de tempo dos tradutores para orientar leitura fora da sala de aula. A pesquisa proposta é aplicada, de natureza exploratória, foi desenvolvida por método bibliográfico e comparativo de dados coletados em campo, através de experimentos e entrevistas com depoentes voluntários, com estudantes surdos de nível superior (faculdade e universidade). A metodologia utilizada é a da pesquisa participante, também conhecida como pesquisa-ação. A análise dos dados coletados em campo demonstrou que a mediação de leitura literária com o recurso de quadrinhizações literárias para surdos é possível, viável e apresenta resultados rápidos. Como considerações finais, consegue concluir e confirmar o objetivo geral, e também mostra que o desenvolvimento dessa pesquisa e de outras do mesmo gênero contribuem com a Biblioteconomia, a Educação e a Inclusão Social.

Palavras-Chave: Histórias em Quadrinhos. Leitura Literária - Surdos.

ABSTRACT

The present work has the objective of verifying the potential of mediation of literary reading for deaf students, through the use of the available and accessible resource of adaptations in the language of comics. The content is aimed at the proposal of literary reading practices, whether they are intended for leisure or for the satisfaction of informational needs regarding the disciplinary contents of undergraduate programs at a higher level. The main focus of the course completion work is to discuss mediation of reading for deaf people through the use of literary comic adaptations, which we will use the term quadruples. The collection Classics in HQ of the Peirópolis Publishing House was chosen as a sample of literature, because it was edited for mediation of literary reading of all beginning readers, which shows the property of a universal reading format. The main objective of the research is to show the possibility of mediation of literary reading for the deaf, using the already available and accessible feature of literary work. The problematic situation that led to the research is the lack of development of skills, skills, habits and tastes readers of the deaf, with the lack of resources of reading in universal model, lack of preparation of mediators, lack of school library and room of special resources Equipped, lack of time translators to guide reading outside the classroom. The proposed research is applied, exploratory nature, will be developed by bibliographic and comparative method of data collected in the field, through experiments and interviews with volunteer deponents, who are deaf students of higher level (college and university). The research line adopted is: Information and Society. The methodology used is that of participant research, also known as action research. The analysis of data collected in the field showed that the mediation of literary reading with the use of literary schemes for the deaf is possible, feasible and presents fast results. As final considerations, it is able to conclude and confirm the general objective, and also shows that the development of this research and others of the same genre contribute to Information Science, Education and Social Inclusion.

Keywords: Comics. Literary Reading - Deaf.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sucesso na caçada. Pintura rupestre brasileira na Serra da Capivara, Piauí.	31
Figura 2: Publicação da primeira história em quadrinhos, em outubro de 1896.	33
Figura 3: Richard F. Oultcault e suas criações: Yellow Kid e Buster Brown (Chiquinho no Brasil).	34
Figura 4: Alunas Mulheres Surdas por Curso na UFS (2017).	38
Figura 5: Alunos Homens surdos por curso na UFS	38
Figura 6: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2016	44
Figura 7: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2016.	44
Figura 8: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2016.	45
Figura 9: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2017.	46
Figura 10: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2017.	46
Figura 11: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala M: Ética para mulheres surdas	48
Figura 12: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala M: Ética para homens surdos	49
Figura 13: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala U: Utilidade para mulheres surdas ..	49
Figura 14: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala U: Utilidade para homens surdos	50
Figura 15: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala L: Lógica para mulheres surdas	51
Figura 16: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala L: Lógica para homens surdos	51
Figura 17: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala E: Estética para mulheres surdas.	52
Figura 18: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala E: Estética para homens surdos.	53
Figura 19: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala H: Algedônica para mulheres surdas	54
Figura 20: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala H: Algedônica para homens surdos	54
Tabela 1: Quadrinhizações literárias, preferências e sucesso dos surdos na atividade leitora .	55
Figura 21: Páginas da Quadrinhização Literária “A Morte de Ivan Ilich” de Caeto.	56
Figura 22: Aluna examina A Morte de Ivan Ilich após acabar a atividade	57
Figura 23: Páginas da Quadrinhização Literária “A Morte de Ivan Ilich” de Caeto.	58
Figura 24: Capa da Quadrinhização de Conto de Escola por Silvino	60
Figura 25: Gráfico de Sucesso na Atividade de Mediação de Leitura Literária com Quadrinhização	61
Figura 26: Páginas da Quadrinhização Literária “I-Juca-Pirama” de Silvino	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APADA	Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo
ASSE	Associação de Surdos de Sergipe
DCI	Departamento de Ciência da Informação
DELES	Departamento de Letras Estrangeiras da UFS
EUA	Estados Unidos da América
HQ	Histórias em Quadrinhos
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
IPAESE	Instituto Pedagógico de Apoio ao Surdo em Sergipe
Libras	Língua Brasileira de Sinais
PNBE	Programa Nacional da Biblioteca Escolar
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNBE	Programa Nacional da Biblioteca Escolar
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TIP	Teoria Psicológica da Informação
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNIT	Universidade Tiradentes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 QUADRINHIZAÇÃO COMO RECURSO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS	14
2.1 Mediação de Leitura e Defectologia de Vygotsky	17
2.2 A Língua Brasileira de Sinais - Libras	20
2.3 O Letramento do Surdo	21
2.4 A Leitura Literária do Surdo	25
2.6 As Histórias em Quadrinhos e a Formação de Leitores.....	31
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	37
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	42
4.1 Análise do perfil leitor dos universitários surdos	47
4.2 Mediação de Leitura Literária com Quadrinhização	55
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	69
ANEXO 1 – TERMO.....	70
ANEXO 2 – PESQUISA DE OPINIÃO EM ESCALA LIKERT	71
ANEXO 3 – ENTREVISTA.....	72
ANEXO 4 – EXEMPLO DE FICHA DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS	73

1 INTRODUÇÃO

A Leitura literária é para estudantes e graduados, sendo ouvintes ou surdos, porque aprofunda a linguagem escrita, aumenta o conhecimento, a narrativa, ajuda na apreensão do uso e do significado das palavras não conhecidas pelas pessoas com surdez. Conhecer a literatura também é bom para todos os cidadãos. No caso do leitor surdo, a leitura literária também serve para apropriar-se da estrutura da fala e aumentar o repertório de vocabulário, sendo que o Português é sua segunda língua, sendo a primeira a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Através desta visão de leitura da comunidade surda, é possível resumir hipótese que orienta o trabalho de investigação iniciado: a quadrinhização das obras pode representar a experiência de leitura com **modelo universal**, que pode ser adequado para mediação de leitura dos surdos e dos ouvintes também, com o mesmo material.

Existe um conflito, que é o reconhecimento do valor da leitura de uma obra literária quadrinhizada, vai contra as pessoas que definem a leitura de obra literária sem adaptações. Para Teresa Colomer:

Deve-se notar, contudo, que a aceitação da ideia da literatura "pura", que degrada qualquer condicionamento criativo ainda encontra presente em muitos sectores cultural, sem uma cuidadosa discussão seguinte dos últimos anos, este permanece pressuposto inquestionável (COLOMER, 2003, p.53).

O tema da pesquisa é a leitura literária e o seu título é “A mediação de leitura literária para surdos, utilizando o recurso da quadrinhização”. Ele está presente nas obras sobre leitura de literatura e mediação de leitura, mas é mais escrito a partir do começo do século XXI (21). A pesquisa representa novidade e pode ser continuada depois da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, pois tem muito campo para investigação.

A pesquisa é exploratória, porque tem o objetivo de reunir os dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre “um problema ou pergunta pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior” (COLLIS; HUSSEY *apud* MUELLER, 2007, p 25).

O objetivo principal da pesquisa é mostrar a possibilidade de mediação da leitura literária para surdos, utilizando o recurso já disponível e acessível de quadrinhização literária. A necessidade de um estudo exploratório justificou a escolha do tema de pesquisa, para apoiar as ações desenvolvidas nas escolas e na universidade, onde os surdos não estão conseguindo formar habilidades, competências, hábitos e gostos leitores e progredir em seus estudos, apesar de ter capacidade para isso.

O objeto estudado nessa pesquisa é a quadrinhização literária, ou seja, a criação de histórias em quadrinhos como adaptação de obras literárias, vendo seu valor para a mediação

de leitura literária dos surdos. As histórias em quadrinhos ajudam a compreender o significado das palavras e os enredos (histórias que a literatura está contando), pois usam a imagem junto com a escrita para formar o esquema de leitura. Ficou a pergunta de pesquisa: É possível mediar a leitura literária para os surdos com o recurso da quadrinhização literária?

O objetivo geral da pesquisa é demonstrar a possibilidade de mediação da leitura literária para surdos, utilizando o recurso já disponível e acessível de quadrinhização literária.

Os objetivos específicos são:

- Verificar se a leitura literária com as quadrinhizações facilita a interpretação do texto e a obtenção de vocabulário (palavras novas, que as vezes não tem sinal em Libras e precisamos aprender como se usam e o que significam);
- Facilitar o trabalho do mediador bibliotecário, tradutor, educador para a formação de leitura literária da pessoa surda;
- Aumentar o interesse pela leitura que não seja só para estudar ou utilizar, mas para passar tempo livre também, formando gosto e hábito.

Os surdos precisam ter oportunidade de conhecer o conteúdo dos romances, mas ler um livro só em Língua Portuguesa, sem esquemas de leitura, sem a presença de intérprete, fica muito difícil para a pessoa com surdez. Os intérpretes ficam acompanhando as atividades em sala de aula, mas não estão presentes para ler em casa, na biblioteca escolar ou fora da escola. Então, o surdo acaba estudando a literatura por resumos e não aproveita a leitura para a sua vida fora da escola. Acaba ficando com pouco vocabulário também, entende poucas palavras.

A situação problemática que levou à pesquisa é a falta de desenvolvimento de competências, habilidades, hábitos e gostos leitores dos surdos, com a falta de recursos de leitura em modelo universal, falta de preparação de mediadores, falta de biblioteca escolar e sala de recursos especiais equipada, falta de tempo dos tradutores para orientar a leitura fora da sala de aula. Como consequência, o surdo tem dificuldade em estudar e no progresso profissional, pois não consegue ter rotina de leitura, gosto formado, autonomia para ler sem ajuda de tradutor, parente e amigo. O que leva a questão de pesquisa: As quadrinhizações literárias são recursos válidos de mediação de leitura para estudantes surdos?

A disciplina “História em Quadrinhos e Formação do Leitor”, do curso de Biblioteconomia e Documentação, abriu oportunidade para que as quadrinhizações literárias fossem oferecidas como recurso de formação do leitor para todos. Por isso, foi interessante conhecer o referencial da pesquisa de Bari (2015) e fazer uma aplicação prática e investigação

em Sergipe. É desejo que os surdos e os mediadores conheçam este instrumento, para melhorar o problema da leitura do surdo.

O tema pesquisado foi escolhido pela curiosidade da autora de como é a forma de trabalho do futuro bibliotecário, assim como vai funcionar melhor a atividade da biblioteca escolar. Como a pesquisadora e muitos amigos e colegas são surdos, a autora desse projeto de pesquisa pode sentir que a leitura em geral foi sempre com muito sacrifício e pouco interesse. Mas, quando acontece de entrar numa faculdade, o surdo fica cada vez mais dependente do tradutor, no lugar de ter autonomia para estudar. Como o tradutor é formado em Letras/Libras, daí ele mesmo não consegue explicar os conteúdos todos dos cursos, por falta de familiaridade. Ao mesmo tempo, o surdo não consegue entender o que está escrito nos livros, pois não tem vocabulário e não treinou sua leitura na Educação Básica.

Se for melhorar a leitura do surdo a oferta de quadrinhizações literárias na biblioteca escolar, for orientada a compra também aos pais e o uso pelos professores e tradutores, será dessa forma bom para todos os surdos. Por isso, vamos pesquisar e ver se funciona bem para surdos de várias idades, que vamos buscar entre escolares e universitários.

2 QUADRINHIZAÇÃO COMO RECURSO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS

As histórias em quadrinhos desenvolvem a emoção na leitura, que preserva a brincadeira infantil e a rebeldia adolescente, fazendo aparecer leitores por toda a vida. Ou seja, a leitura do surdo vai chamar a atenção positivamente e poderá levá-lo a mediar também suas histórias em quadrinhos com amigos, colegas, irmãos, surdos ou ouvintes. A história em quadrinhos serve para formar novos leitores entre todas as pessoas, mas ainda não está utilizada para o caso da leitura dos surdos.

Mas, como é que a história em quadrinhos consegue despertar o gosto pela leitura? Ela tem o texto híbrido de imagem e texto, misturando as duas. A linguagem é esquemática, bem informativa e chamativa para o leitor, ouvinte e surdo. Além da leitura convidativa, a história em quadrinhos rapidamente aumenta a participação social entre os leitores, que se organizam em comunidade, trocam revistas e contam um para o outro. Para a socialização do surdo, compartilhar leitura é muito importante.

Além dessas virtudes, a linguagem da história em quadrinhos é muito antiga e já é universal, foi desenvolvida a partir do esquema de imagem da narrativa, juntando imagem e texto para escrever a mensagem. O texto não descreve a imagem e a imagem não ilustra o texto, os dois trabalham em conjunto para o significado.

Para o leitor surdo, a história em quadrinhos serve como esquema de leitura, que deixa mais fácil para compreender, auxiliando a apropriação do conteúdo da leitura, no convite a leitura e a curiosidade para novas leituras.

Apesar de não buscarem a leitura, os estudantes “querem ler as histórias em quadrinhos” (VERGUEIRO, 2004, p. 21). Os surdos, hoje em educação inclusiva, também podem querer, também vendo o exemplo dos próprios colegas ouvintes. Mas, precisam de uma boa apresentação por parte dos bibliotecários, intérpretes e professores.

Fator importante da leitura dos surdos é a presença e consagração das histórias em quadrinhos entre as leituras escolares da sala de aula e biblioteca escolar, faz mais chamativa à leitura literária e facilita muito a mediação dos bibliotecários e professores, para formar prática leitora de literatura e outros tipos de obra também:

Comprovadamente, a leitura de histórias em quadrinhos forma leitores que gostam de toda a natureza de obras, com a vantagem de gerar uma cultura leitora infanto-juvenil, comunidades leitoras de grande abrangência e perenidade por toda a vida. [...] O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, e ainda não se explorou o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a

possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de discurso próprio, inerentes sinais da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos (BARI, VERGUEIRO, 2011, p.4).

Como mais uma vantagem para os surdos, a quadrinhização dos clássicos da literatura, aqueles livros mais importantes que todos deveriam ler na vida, atualizam para os surdos as situações e deixa mais clara a mensagem do enredo que é consagrado, ou seja, o que se desejou narrar e não foi possível compreender somente com as palavras. Para Paula Mastroberti:

Longe de se constituir uma traição às origens, reescrituras, filmagens, jogos, quadrinhos, ilustrações - entre outros produtos da cultura plurimidiática - são versões em que a predominância do caráter recreativo devem torná-las reconhecidas por aquilo que são: pós-produções inter ou intrasemióticas que atualizam um original, reinventando-o para a contemporaneidade; ao fazê-lo, instigam e seduzem o leitor por si mesmas, sem deixar de excitar a curiosidade sobre a obra que lhes é anterior. Pela liberdade com que lidam com os dados significativos e estéticos já existentes, satisfazem à leitura e emancipam a subjetividade leitora para o narrativo-literário e não através dele. (MASTROBERTI, 2011, p. 110)

Procurando a leitura por prazer e que também melhore para os surdos, a mediação de histórias em quadrinhos pode também melhorar o nível de vocabulário e as habilidades e competências leitoras para outros tipos de textos. A quadrinhização é um tipo de versão, adaptação literária consagrada no Brasil. Como explica Carvalho:

Dessa forma, a adaptação deve ser trabalhada a partir da adequação do assunto, da estrutura da história, da forma, do estilo e do meio aos interesses e às condições do leitor infantil, o que não representa a escolha por um gênero inferior. Ao aproximar o texto do universo do seu receptor, postula-se a possibilidade de se estabelecer o diálogo entre os mesmos e, por conseguinte, tornar possível à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo seu imaginário (CARVALHO, 2006, p. 49).

Paula Mastroberti (2011, p.110) viu que o conceito de adaptação literária é feito dentro de uma vontade de fazer mediação dos conteúdos da obra literária ao leitor novato. O leitor surdo, como tem sua primeira língua a Libras, que é linguagem de sinais gestual, e a educação faz ingressar na linguagem escrita e oral, possui as características de um leitor novato, é ajudado pela adaptação literária com uso de histórias em quadrinhos.

No Brasil, a quadrinhização já é usada como recurso de adaptação literária desde o século passado. Para Márcia Mendonça:

A grande difusão da quadrinhização como recurso de textualização que, de certa forma, democratiza o acesso a certas informações, também é um fenômeno recente, que tomou impulso a partir da segunda metade do século XX. [...] As imagens, geralmente caricaturais, e a narrativa de ficção, característicos da maioria das HQs, seriam diferenciais que deixariam o “texto” mais leve e mais inteligível. A voz do senso comum já nos diz que vivemos a geração da imagem e, portanto, como já destacamos a presença de outras semioses, que não exclusivamente a verbal, é uma

opção cada vez mais comum, seja no domínio da ciência, da publicidade ou do jornalismo (MENDONÇA, 2010, p. 27).

Para o surdo, a propriedade mais importante na quadrinhização é que se pode acompanhar a passagem do tempo literário e a passagem de cenas, o qual possui dificuldade de perceber na leitura de texto puro, para entender a narrativa em tempo real, passado e presente e sua distinção do sonho e do pensamento dos personagens e do narrador. Por meio da quadrinhização, também se pode criar a sensação do passar do tempo na leitura, desenvolvendo no cérebro do leitor surdo conhecimento que auxilia em todo o tipo de leituras.

Em seu capítulo de livro “A quadrinhização como recurso de mediação da leitura literária do surdo”, Valéria Aparecida Bari (2015) fala da deficiência que existe no letramento da pessoa surda, por falta da formação de hábitos e gostos leitores, vai dar oportunidade do surdo usar a linguagem escrita, tanto para o lazer como para a educação continuada.

Sobre a questão de mediação, Bari (2015) usa o conceito desenvolvido por Vygotsky. Para a mediação de leitura literária acontecer, tem que reunir três condições, que são: o ambiente social, oferecer tipos diferentes e adaptações de obras literárias e os fatores emocionais, que vão trabalhar juntos para interessar as pessoas e formar a situação de leitura, dia após dia.

Bari também diz que a “leitura para o surdo não pode ser um mero exercício de fixação da língua, mas tem de ser praticado com prazer nos ambientes sociais onde convive” BARI (2015, p. 131).

Por fim, Bari (2015) fala das histórias em quadrinhos como recurso que ativam a emoção na leitura. Por ter imagem e língua trabalhando juntas na linguagem dos quadrinhos, ajudam na compreensão do leitor surdo e do leitor novato também, despertam interesse pela leitura. Também conclui que mediar a leitura literária por meio do recurso da quadrinhização vai desenvolver o gosto e aumentar o vocabulário do leitor surdo em Português.

Apesar de o curso de Biblioteconomia e Documentação não atuar em sala de aula, como os professores e tradutores fazem, o bibliotecário apoia as ações educativas que são desenvolvidas, é profissional necessário em todos os lugares da educação na sociedade: escolas, institutos, faculdades, universidades.

Assim, é correto pesquisar a importância da leitura na educação e formação das pessoas, para perceber a dimensão da leitura e das práticas da formação de leitores num espaço social onde está bem visível o problema de pesquisa, para todos os profissionais que atuam. A seguir faz-se as principais observações sobre o letramento nos ambientes sociais da universidade.

2.1 Mediação de Leitura e Defectologia de Vygotsky

Vygotsky foi um médico neurologista que viveu na Rússia. Nasceu no século XIX (19), em 1896, e morreu muito jovem, com 37 anos, em 1934. Nesse curto período de vida, desenvolveu uma teoria muito importante para a humanidade: o sócio-interacionismo. De todos os conhecimentos do interacionismo, aproveitamos dois conceitos importantes para esta pesquisa: Mediação, Defectologia e a Compensação.

Para Vygotsky, as palavras e símbolos tem a mesma função de instrumentos de trabalho, com os quais transformamos a natureza que nos cerca, extraímos o que precisamos, cultivamos e colhemos, mas tudo isso no campo das ideias. Também podemos compartilhar as experiências que “colhemos” de uma forma diferente dos animais. É que a linguagem armazena as experiências e nos dá oportunidade de compartilhar, por meio do diálogo ou de registros. Assim, nosso cérebro evoluiu para memorizar a linguagem as mensagens trocadas. Nossa boca e nossas mãos evoluíram para instrumentalizar a fala e a escrita, nossos ouvidos evoluíram para decodificar as falas. Os seres humanos são acumuladores de dados, informações, conhecimentos, que podem disseminar por meio da linguagem e de seus suportes de registro.

Então, é possível aprender entre humanos, somente por meio da convivência, do diálogo, da leitura ou então das brincadeiras (que simulam situações reais). Também podemos emocionar sem viver diretamente as situações, pois a linguagem também armazena as emoções e permite compartilhar. Então, Vygotsky explica a “zona de reconhecimento proximal”, que é o espaço de diferença entre o que uma criança ou aprendiz ainda está imitando, brincando ou fazendo-de-conta, e o que realmente uma pessoa amadurecida é capaz de fazer.

A teoria das mediações de Vygotsky explica que a forma como os adultos ou colegas mais experientes compartilham conhecimento com os mais jovens e ajudam a superar a zona de reconhecimento proximal é por meio da linguagem. Então, quanto maior o domínio da linguagem e a disposição de registros de conhecimento ou pessoas para conversar, mais conhecimentos são aprendidos. Então, a mediação sempre tem um elemento ambiental: onde se está, o que existe de recursos em cada ambiente. A mediação também tem um elemento de comportamento e hierarquia, na relação entre a pessoa que sabe mais e a que sabe menos: como conversar, brincar, aprender, ensinar, obedecer ou mandar. A mediação também tem um

elemento de afetividade: gostamos, não gostamos ou somos indiferente às pessoas com as quais podemos mediar conhecimentos. E, como fator dos mais importantes, é o de conhecer e ter domínio sobre a linguagem que está usando para a mediação, sua fala, seus registros e suportes.

Então, Vygotsky chegou à conclusão de que muitas crianças eram classificadas como deficientes mentais, quando na verdade tinham problemas de comunicação, de domínio da língua e da linguagem, e não conseguiam mediar os conhecimentos. Por isso, desenvolveu outro importante conceito, o da defectologia. Ele fez diversas pesquisas observando os problemas das crianças surdas-mudas, cegas, deficientes mentais para testar sua hipótese da mediação, com ênfase na educação social.

René Van der Verr e Jaan Vasliner (1996), são autores que abordam as principais ideias de Vygotsky no desenvolvimento da defectologia, que propõem a educação e o desenvolvimento que vence as barreiras do diálogo, dando à escola mais responsabilidade pela inclusão destas crianças nos anos 1920. Mesmo provando muitas de suas ideias, Vygotsky não foi muito bem recebido, pois a sociedade preferia acreditar que as deficiências eram castigo divino e as pessoas deficientes dignas de pena ou caridade, não de oportunidades. A religiosidade deu mais peso ao preconceito do que à solução e levou-se quase um século para considerar seriamente a inclusão escolar e social prevista por Vygotsky.

Na verdade, Vygotsky buscou além do desenvolvimento e da educação das crianças “anormais”, “defeituosas”, termos este utilizados como padrão para os estudiosos da época, o sentido da cidadania para todos, seria um termo tão presente para a contemporaneidade e tão utópico para a sociedade da época, na medida em que, “participando da vida social em todos os seus aspectos, as crianças iriam, em um sentido metafórico, superar sua cegueira e sua surdez” (VYGOTSKY, *apud* VEER; VALSINER, 1996, p. 76).

Os pesquisadores Vander Veer e Valsiner (1996) destacam em sua obra o quanto o autor defendia a experimentação da educação conjunta entre estudantes com diferentes necessidades especiais e que a compensação de superar as dificuldades estava vinculada a questões do desenvolvimento como um percurso tortuoso, nos caminhos indiretos que podem ser criados pela cultura quando o caminho direto está impedido. Então, o conceito de Compensação é essa forma de resolver as coisas de uma forma diferente, utilizando os recursos que o ambiente oferece, o comportamento permite, a hierarquia apoia e a afetividade torna possível. É muito parecido com o conceito de “jeitinho brasileiro”, só que é para coisas do bem.

O desenvolvimento cultural seria, assim, a principal oportunidade que é possível compensar a deficiência com o treinamento especial, porque a falta de um órgão ou de um sentido do corpo pode ser compensado pela cooperação com outras pessoas e com o uso da linguagem, caminhando para temas atuais de inclusão social e cidadania.

Na verdade, Vygotsky tinha seu pensamento científico começado com mediação e continuado no uso da linguagem para a construção do psicológico. Por isso, tão importante as formas verbais de comunicação que, conforme defendia o autor, o desenvolvimento cultural da criança se apresenta “primeiro em nível social e, mais tarde, em nível individual” (VYGOTSKY, 1987, *apud* SOUZA, 2006, p. 125). Para Vygotsky:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. (VYGOTSKY, 1987, *apud* SOUZA, 2006, p. 129).

Neste sentido, a questão da deficiência questionada por Vygotsky quando pontua que ela não é deficiência para quem a possui, e de maneira inteligente aborda que se trata de uma característica ou limitação biológica que não deve e nem pode ser estendida para o meio social, ou seja:

[...] todas as deficiências corporais afetam antes de tudo as relações sociais das crianças e não suas interações diretas com o ambiente físico. [...] Portanto, na visão de Vygotsky, era o problema social resultante de uma deficiência física que deveria ser considerado como o problema principal [...] A partir dessas premissas, Vygotsky raciocinou que a educação baseada na compensação social dos problemas físico? era a única maneira de proporcionar uma vida satisfatória para as crianças “defeituosas”. (DER VEER; VALSINER, 1996, p 74-75).

São estes espaços sociais que contribuem diretamente para a educação de todas as pessoas e as inserem neste contexto de maneira que direciona o verdadeiro valor da cidadania composta por inúmeras falas, inúmeras vozes e rompe o silêncio do preconceito e da exclusão social.

2.2 A Língua Brasileira de Sinais - Libras

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua ágrafa, não tem escrita de suas palavras, tem escrita de símbolos. Mas, ela tem tudo o que as línguas orais-auditivas também têm. A diferença é que a Libras utiliza sinais ao invés de palavras, para formar frases. Os sinais são padronizados e surgem de configurações de mão, movimentos e pontos de articulação no corpo, expressões faciais e corporais. Transmite ideias e fatos, tem sua gramática própria e tem diferenças regionais no Brasil.

Poucos sabem que a primeira língua da pessoa surda no Brasil é a Libras e não a língua portuguesa. Também é comum que muitas pessoas acreditem que a Libras seja apenas mímica, conjunto de gestos. Mas, não é assim, a Libras é língua como o Português, com regras e normas.

Vamos falar sobre esta que para muitos surdos é a única língua que conhecem e se comunicam, podendo assim interagir com seus familiares e desenvolver suas atividades no dia a dia:

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua que tem ganhado espaço na sociedade por conta dos movimentos surdos em prol de seus direitos, é uma luta de muitos anos que caracteriza o povo surdo como um povo com cultura e língua própria que sofre a opressão da sociedade majoritária impondo um padrão de cidadão sem levar em conta as especificidades de cada um destes cidadãos. Sendo assim, através de anos de luta o povo surdo conquistou o direito de usar uma língua que possibilitasse não só a comunicação, mas também sua efetiva participação na sociedade (SILVA *et al.*, 2007, p.1).

No mundo, outras linguagens de sinais também foram registradas e liberadas para usar a partir do século XXI (21). Faz onze anos que foi oficializada a Libras e ainda não há tradutores suficientes para todas as necessidades da educação brasileira e de outras atividades, como a medicina e o comércio, onde seriam necessários os tradutores.

A aplicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei Federal N°. 9.394/1996 – conseguiu fazer a adoção oficial da Metodologia Bilíngue na educação dos surdos brasileiros. Então, foi a Lei Federal N°. 10.436/2005, que oficializou a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para Monique Franco:

O fato é que se pode identificar um processo de crescente visibilidade de indivíduos que anteriormente estavam localizados à margem do processo social. Potencializados, esses indivíduos são objeto de políticas públicas, ganham notoriedade na mídia e passam a ocupar, paulatinamente, o espaço do exercício da diferença, criando demandas e deixando transparecer a gama de enfrentamentos ainda necessários à perspectiva da inclusão como espaço da liberdade. No caso da comunidade surda, não poderia ser diferente. Aqueles que ao longo de séculos tiveram seu processo de comunicação oprimido e sua língua, muitas vezes, proibida de ser expressa, ganham o direito de serem educados a partir dessa língua, agora

reconhecida e oficializada como uma expressão linguística alternativa. (FRANCO, 2009, p.15)

O uso da Libras e o direito do surdo ter tradutor disponível para se comunicar melhor agora tem mais uma lei importante, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2016). Apesar de todas as leis que estão surgindo, não é fácil nem rápido formar pessoas, acervos e recursos para tornar a comunicação dos surdos melhor, nem a leitura dos surdos mais acessíveis. Então, temos que trabalhar com os recursos do momento, preparar a sociedade agora.

2.3 O Letramento do Surdo

Neste trabalho também discute-se um pouco da história da pessoa surda e de seu letramento, para entender sua trajetória, como passaram a ser vistos com o passar do tempo, com um breve histórico tanto como era visto em vários países e também no Brasil e por fim em Sergipe.

Os surdos travaram grandes batalhas por ter sua identidade, sua cultura, língua e seus direitos reconhecidos. As pessoas com problemas auditivos, que foram conhecidas como surdos-mudos ou mudos no passado, foram vítimas de preconceito em diversos países. Poucos eram os governantes e educadores que tinham respeito e admiração por elas.

Exemplo era o Egito da Antiguidade, que as consideravam com um dom, acreditavam que os surdos podiam fazer contato entre os faraós e os deuses. Algumas culturas antigas os odiavam, como na China, que possuía o hábito de matá-los e jogar ao mar.

Na Grécia, intelectuais achavam que as pessoas surdas eram incapazes de pensar, um desses foi Aristóteles, filósofo grego “considerado um dos principais filósofos da Antiguidade” (SANTANA, 2016 p.01). Para os gregos os surdos eram pessoas imperfeitas, que deveriam ser excluídos do convívio social e por vezes jogados ao Rio Tibre, raro eram os que enxergavam as pessoas com surdez como capazes.

Mas nem todos gregos da antiguidade viam as pessoas surdas como incapazes, tinham aqueles que viam potenciais nestas pessoas. Exemplo foi Sócrates, filósofo grego, quando percebeu que os surdos tinham que usar o gesto, para explicar seu pensamento. Para Sócrates:

Se não tivéssemos voz nem língua e ainda assim quiséssemos expressar coisas uns aos outros, não deveríamos, como aqueles que ora são mudos, esforçar-nos para transmitir o que desejássemos dizer com as mãos, a cabeça e outras partes do corpo? (SOCRATES *apud* SILVA, 2009, p.03).

Mas as ideias de Sócrates não foram apoiadas. As pessoas surdas gregas tinham seus direitos negados. O rei Justiniano I criou uma lei que proibia os surdos de firmar contratos, fazer testamentos e até mesmo de ser possuidor de alguma propriedade e também de vir reclamar heranças. Na Roma Antiga e também da Idade Média, os surdos que não falavam tiveram seus direitos negados, eles viam estas pessoas como imperfeitas, assim como os gregos, exemplos foram Lucrécio e Plínio.

Os surdos hebreus eram protegidos por leis, como cita Perlin (2002, p. 24): “Sabemos que, no período de 2.000 a 1.500 a.C., não somente com os hebreus, mas também com os egípcios, os surdos eram protegidos por leis”. Para a Igreja católica Apostólica Romana da Antiguidade e Idade Média, as pessoas com deficiência auditivas não tinham direito a salvação, Os religiosos achavam que o surdo não podia jurar, nem se confessar, nem conhecer a palavra sagrada. Então, o surdo não possuía alma:

A Igreja Católica considerava os surdos sem salvação, ou seja, não iriam para o reino de Deus após a morte. Pode-se dizer que a condição do sujeito surdo era a mais miserável de todas, pois a sociedade os considerava como imbecis, anormais, incompetentes (SILVA, 2009, p. 01). Para Agostinho, bispo cristão e teólogo, que nasceu na região norte da África em 354, o nascer de uma criança surda era um castigo dados aos pais. No mundo antigo, os surdos recebiam certas funções como bobos para entreter, empregados de quarto ou mesmo pajens para as mulheres.

Ainda na Idade Média, no ano de 1500, um médico italiano chamado Girolamo Cardano reconheceu e registrou que uma pessoa surda possuía habilidades e capacidade para aprender. Então, ele começou a usar a língua de sinais para poder ensinar a escrita às pessoas com surdez.

Vinte anos depois, em 1520, Pedro Ponce de León, monge espanhol, também acreditou na capacidade das pessoas surdas e começou a desenvolver um dos primeiros alfabetos manuais. Mas, essa educação era apenas para pessoas surdas com boas condições financeiras e tinham acesso a educação. Ele ensinava os surdos, filhos de nobres, a ler os lábios, falar e rezar, para que assim pudesse ter direito à herança e salvação de sua alma (PERLIN, 2002).

Em 1760 o abade Charles Michael de L' Épée amplia a educação dos surdos, para dar acesso às pessoas mais pobres e as mulheres, utilizando a linguagem de sinais. Foi L' Épée, quem fundou a primeira escola pública para surdos, em Paris. Passados 18 anos, em 1778, é aberta a primeira escola de surdos na Alemanha, por Samuel Heinicke, esta escola era

exclusivamente para surdos, porém dava ênfase no ensino da fala oral, não da língua de sinais (PERLIN, 2002).

No ano de 1807, a Dinamarca abre sua primeira Escola, em 1817 a primeira escola permanente nos EUA. Já em 1823, D. João VI ordena a criação em Portugal do Instituto de Surdos- Mudos e Cegos.

No Brasil, a primeira escola para surdos foi criada em 1857, no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje chamado de Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Também em 1857, nos EUA surge a primeira instituição de ensino superior para surdos. Chegando a Idade Contemporânea, inicia-se a disputa entre os métodos Oralista e Gestual. Como explica Perlin:

Entendemos que o oralismo tem suas origens históricas na modernidade, pelos anos de 1750, e é considerado como seu fundador o médico alemão Samuel Heinicke. Esse método tem como ideia central a patologia crônica do surdo. Essa patologia pode ser traduzida como lesão no canal auditivo que obstaculiza a aquisição da língua (PERLIN, 2002, p. 40).

O Oralismo defende a predominância da voz na comunicação do surdo. Este método foi aprovado no Congresso de Milão, que aconteceu em 11 de setembro de 1880, sem direito a voto dos professores surdos e comunidade surda. Foi adotado universalmente pelos países que educavam surdos, ficando com o Gestualismo os EUA e a França.

O oralismo passou a ser adotado oficialmente a partir do Congresso de Milão em 1880, quando foram excluídas todas as possibilidades do uso das línguas de sinais na educação do surdo. A partir de então, ela foi proibida nas escolas de surdos e em instituições que acolham surdos, inclusive nas suas próprias organizações (PERLIN, 2002, p. 41).

O Método Oralista faz uso de algumas técnicas, entre elas mais usada é o treinamento auditivo, desenvolvimento de fala e a leitura labial, esta última era bastante utilizada como forma de comunicação.

Alexander Graham Bell, o inventor do telefone, era filho de mãe surda e casado com uma surda, defendeu o Oralismo no Congresso de Milão e também abriu uma escola que seguia a metodologia Oralista, na cidade de Boston, nos EUA. Ele desenvolveu vários equipamentos auditivos para ajudar a melhorar a audição das pessoas, junto com suas pesquisas sobre o telefone (PERLIN, 2002).

Como evoluiu o letramento do surdo na atualidade? As brigas entre o Oralismo e o Gestualismo ainda existem. O fracasso escolar do surdo e o pouco progresso do letramento fizeram com que os antigos opositores se unissem, juntando também os especialistas de diversas áreas do conhecimento.

O problema é muito complexo e a ajuda é necessária para poder repensar o letramento do surdo, com a introdução da inclusão escolar. Este novo modo de educar deseja colocar surdos e ouvintes lado-a-lado, no mesmo estabelecimento escolar, para que todos possam participar da mesma experiência de educação e leitura sem segregação. Para Ana Dorziat:

Devido ao fracasso escolar, às dificuldades de integração e ao desenvolvimento de pesquisa de diversas áreas (Linguística, Sociologia, Educação etc.), essa posição foi repensada. Surgiram assim novas propostas de educação para os surdos, entre elas, o bilinguismo, filosofia social que propõe o domínio de duas línguas: a língua de sinais como primeira língua, e a língua portuguesa, na sua modalidade oral/escrita, como segunda língua (DORZIAT, 2011, p. 25).

Com o aparecimento da educação bilíngue para os surdos, sua adoção no Brasil está acontecendo, mas ainda com muita dificuldade. Como as leis sobre inclusão no Brasil orientam que a Educação Especial deve ser substituída pela Educação Inclusiva, a estrutura que já foi desenvolvida precisa ser adaptada e a sociedade precisa ser equipada.

Sabe-se que hoje as bibliotecas públicas, escolares, comunitárias e domésticas não atendem às necessidades informacionais do letramento da sociedade em geral. A situação dos surdos é mais grave, pois são poucas as publicações que podem ser lidas com autonomia, em formato universal, e os mediadores não as conhecem.

A defesa da adoção das quadrinhizações literárias entre as leituras recomendadas ao surdo e mediadas na escola, na casa e nos ambientes sociais é de apoio ao letramento, como pode se realizar na atualidade da sociedade inclusiva.

Apesar da distância e da falta de tantos recursos, o Estado de Sergipe teve grande contribuição no letramento e na educação formal dos surdos no Brasil, servindo de exemplo para outros Estados mais ricos. Para a identidade de nossa pesquisa, é importante também falar sobre isso e as consequências das boas práticas sergipanas no letramento de sua comunidade surda.

2.4 A Leitura Literária do Surdo

A leitura é importante recurso para o desenvolvimento social e intelectual da pessoa, ajudando no senso crítico e criativo. Através da leitura é possível aprender a pensar melhor e ganhar novo vocabulário, mesmo sendo ela uma atividade de lazer, sem objetivo de aprendizagem específica.

Para esta atividade de lazer, se dá o nome de leitura literária. O costume da leitura literária se inicia quando o leitor novato entra em contato com pessoas que gostam de ler. Para Vera Maria Tietzmann Silva:

Para falar sobre a formação do leitor, é preciso ver o processo em seu início, na infância, e discutir como seduzir a criança para a leitura e como orientá-la, fornecendo-lhe os meios para fazer sua própria trajetória de leitor. A família e a escola têm papel fundamental nesse processo, e a maneira mais eficaz de formar novos leitores é pela via do contágio. (SILVA, 2009, p. 25-26)

A leitura escolar é aquela feita com objetivo de aprender, orientada pelo professor e como tarefa. A leitura escolar ajuda o aluno na sua formação pessoal e social. Para que a leitura escolar possa atingir esse objetivo é importante que faça sentido para o aluno, ele deve perceber que ler não é apenas decodificação da língua, é necessário que a atividade de leitura esteja inserida na realidade do aluno.

Então, a leitura literária apoia a leitura escolar, porque o leitor pratica com prazer e reforça as habilidades e competências necessárias a atividade escolar. Para Silva:

O texto literário, pelo fato de tocar a sensibilidade do leitor, é também capaz de contribuir na sedimentação de conhecimentos que costumeiramente lhe chegam pelos textos informativos. A ficção, em sua exemplaridade, chega a impressionar o leitor mais que a própria realidade (SILVA, 2009, p.170).

A leitura precisa e deve estar inserida na realidade, no dia-a-dia das pessoas. Mas, quando o leitor que se deseja formar é surdo, fica muito mais difícil fazer com que se interesse pela obra indicada pela escola ou oferecida na biblioteca e no lar. Isso ocorre pelo fato de que a primeira língua do surdo, que é Libras, é uma língua que não tem escrita e se compõe de sistema de sinais feitos por gestos. Chamamos esta propriedade de língua ágrafa.

O desafio da leitura ainda é maior para os surdos, pois sua leitura é como a dos falantes de línguas estrangeiras e não existe disponibilidade de adaptações de obras literárias para o formato universal especiais para os surdos.

Mas como incentivar a leitura da pessoa surda? Como fazer com que ela se interesse por todo tipo de leitura, já que boa parte não domina a língua portuguesa na infância?

A resposta está na mediação da leitura literária, pois este tipo de leitura tem como objetivo despertar o prazer do leitor, fazer com que leia de certa forma apenas para passar o tempo, como apenas para se distrair, diferente de outras leituras mais compromissadas. Para isso, quanto melhor a adaptação, maior a presença de ilustrações, simplificação das frases e palavras longas, melhor será a mediação.

Para a adaptação da literatura para a leitura de ouvintes iniciantes e surdos, o uso de imagens e linguagens que mesclam o texto e a imagem tem sido empregado com sucesso. Para Teresa Colomer:

Os recursos não verbais tem sido um dos motores de mudança na literatura infantil moderna. A utilização da imagem foi especialmente rentável para abrir caminhos a introdução de técnicas narrativas difíceis de incluir em textos e que necessariamente tinha que manter uma certa simplicidade se quisessem se adequar aos pressupostos de acessibilidade compreensiva que prescindem esta literatura (COLOMER, 2003, p. 316).

Conforme Colomer, a literatura infantil moderna utiliza imagem para facilitar a leitura das crianças e se tornar atraente para elas. Porém, o leitor surdo cresce, torna-se adolescente e ainda não desenvolveu sua formação como leitor, ainda está aprendendo a escrita da língua portuguesa. Mas, também não é mais uma criança que vai se motivar a ler os livros produzidos para os iniciantes ouvintes, que se alfabetizam antes.

Para despertar o interesse dos jovens surdos, aproveitando o potencial da imagem somada ao texto literário, com temas mais adultos, Bari (2015, p. 125-127) propõe a utilização da quadrinhização na mediação da leitura literária. A quadrinhização é atrativa para os ouvintes e para os surdos também, o que oferece mais vantagem: a apresentação da leitura por colegas e amigos do surdo e o compartilhamento da leitura do surdo para seus colegas e amigos ouvintes. Também vai tornar muito mais acessível para o surdo entrar em contato com os “clássicos da literatura”, que são mais difíceis de ler.

A leitura literária vai proporcionar ao leitor uma formação, ajudando no olhar crítico sobre a vida. A leitura literária também abre portas para os sentidos e as experiências em todos os níveis de desenvolvimento da vida em sociedade. Então, quando o surdo consegue ler a quadrinhização literária, ele vai ter um contato com a obra literária adaptada e palavras que vão melhorar o seu entendimento do mundo e do uso do sentido que ele não possui a audição.

A leitura literária vai levar o leitor para universos nunca antes navegados e vai dar a possibilidade de contato com o novo e o desconhecido, trazendo possibilidades de viver situações imaginárias, de outros personagens e cenários. Partindo do princípio que é importante ler, não importando o quê, a leitura literária é uma boa opção porque através dela é possível formar leitores competentes e fazer com que estes leitores gostem de outros tipos de leituras, com outros objetivos, além daquele que é por distração. A pessoa buscará leituras informativas, instrutivas, ou seja, vai buscar mais tipos de leituras.

A leitura literária torna mais rico o conhecimento sobre os títulos dos livros e autores que são considerados melhores para leitura, na opinião de professores e estudiosos. Estes livros, que são os clássicos da literatura, foram escritos em diferentes épocas, chegando para nós na atualidade com modificações: a língua atualizada, traduzida e muitas vezes adaptada.

É importante conhecer e ler os clássicos, pois existe neles um conteúdo que só pode ser conhecido pelo encontro com o seu leitor. Para Silva:

Outro tipo de ruptura de limites concerne à relação dos livros e autores a serem lidos. Um bom acervo de literatura – e isso diz respeito tanto a um acervo pessoal quanto a um institucional, no caso, a biblioteca escolar – deve incluir, além dos autores brasileiros consagrados, escritores regionais e alguns de projeção recente no panorama nacional, assim como os chamados “clássicos da literatura universal”. São obras da Antiguidade, as epopeias e as tragédias gregas, por exemplo, assim como textos fundamentais, de diversas épocas e países, como Portugal, Alemanha, Itália, França, Inglaterra, Espanha, Argentina etc. em opções variadas, que podem incluir até mesmo Agatha Christie (SILVA, 2009, p.170).

Com a leitura literária, diferente do texto informativo, o leitor vai sair cheio de perguntas que antes não passavam em sua cabeça. Este tipo de leitura induz a criatividade, faz com que a pessoa que está lendo questione, perceba situações que antes não conseguia entender em sua realidade. Mesmo que a pessoa esteja lendo apenas para se distrair, como é uns dos objetivos da leitura literária, esta atividade vai acabar convidando o leitor para uma reflexão.

2.5 O Surdo em Sergipe

A visão que tinham das pessoas surdas no Brasil era basicamente a que tinham das de outros países, essas pessoas com deficiência auditiva eram tratadas e vistas como incapazes, estorvo para as famílias, que deveriam sentir vergonha porque sofriam da privação da língua falada, que não podiam ter independência.

A situação começou a mudar com a inauguração no Brasil do *Imperial Instituto dos Surdos-Mudos*, em 1857. Foi Dom Pedro II, imperador do Brasil, que resolveu criar esta escola especial, para modelar a educação de surdos no Brasil, assim como já fazia com o Seminário de São Joaquim (atual Colégio Pedro II) para modelar a educação básica.

Os professores e alunos frequentavam estes colégios modelos, liam os livros disponíveis em suas bibliotecas e se preparavam para levar a educação para a sua região de origem.

Esta escola funcionava como regime de internato, com a direção do Professor Eduard Huet, educador surdo. Porém, também contribuiu muito o sergipano chamado Tobias Rabello Leite, que mais adiante terá sua história e suas contribuições para a pessoa surda descritas neste trabalho.

No Estado do Rio de Janeiro de hoje, a escola especial chama-se Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), continua modelar no Brasil e apoia a adoção da metodologia bilíngue e a educação inclusiva em todo país. Quando fala-se no INES, de sua história, encontra-se o médico e intelectual sergipano Tobias Rabello Leite, ele ficou à frente desta que é a mais antiga instituição voltada para a educação dos surdos no Brasil.

Tobias Rabello Leite nasceu no local que hoje é a cidade de Riachuelo, no dia 06 de abril de 1927, muito cedo foi estudar em Salvador. Pediu transferência para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde lá concluiu seu curso no ano de 1849, com 22 anos de idade.

Entre as funções que exerceu, Leite foi médico do Corpo de Polícia e da Casa de Correção do Rio de Janeiro. Trabalhou como comissionado para socorrer os afetados pela febre amarela. Foi Oficial da Ordem Imperial da Rosa, instituição fundada por D. Pedro I, em 1829 (SOUZA, 2014).

Além de divulgar na imprensa, Tobias Rabello Leite também estruturou o ensino de surdos e foi em seu tempo quem mais escreveu sobre o tema. Leite escrevia e também traduzia obras que falavam do assunto, para facilitar o acesso aos educadores, cuidadores e familiares. Nos relatórios que escreveu para o INES, colocou detalhes das práticas pedagógicas que fez durante os mais de vinte anos que esteve à frente do Instituto.

No ano de 1876, ele publicou o Regimento do Instituto dos Surdos-Mudos e também um programa de ensino que tratava do que existia de mais moderno e avançado em educação (SOUZA, 2014).

Tobias Rabello Leite foi um profissional preocupado com a igualdade social, ele lamentava muito a ignorância da sociedade e dos pais que não acreditavam na capacidade das

peessoas surdas. Leite acreditava que as pessoas surdas eram capazes: “Seria, então, através da frequência ao Instituto que o surdo se tornaria um cidadão útil e laborioso” (SOUZA, 2014, p.24).

Tobias Leite também achava que a educação das pessoas com deficiência auditiva deveria ser realizada por um médico que tivesse vocação educacional, para que soubesse das limitações do aluno e pudesse ajudar o máximo possível.

Entre 1862 e 1868 o INES foi dirigido pelo professor Manoel de Magalhães Couto, também habilitado pelo Instituto de Surdos de Paris. Entretanto, a gestão de Magalhães foi considerada um fracasso. Depois dele, Leite foi o terceiro Diretor do Instituto Imperial dos Surdos-Mudos por 28 anos, entre 1868 e 1896. Com vários trabalhos publicados sobre educação dos surdos-mudos, é considerado um dos introdutores no Brasil. Mas, por qual razão Tobias Rabello Leite assumiu a direção do INES?

Como médico experiente, ele foi chamado pelo Ministro Fernando Torres para fazer uma inspeção no INES. No fim do trabalho, Tobias Leite fez um relatório dizendo que ali não tinha trabalho sério, que na verdade tinha um depósito de pessoas surdas. Então, foi empossado para garantir que a atividade educacional seria bem administrada (SOUZA, 2014).

Tobias Rabello Leite ficou na direção do INES desde 1868 até o ano de sua morte, que foi em 1896, foi com este grande homem que a educação dos surdos no Brasil teve sistematização e divulgação, por meio de suas publicações, que distribuía de graça em diversas províncias. Ele tanto divulgou o INES, que em sua fachada havia pintado o nome da instituição e que a mesma poderia ser visitada a qualquer hora, ele também pedia para divulgar nas missas católicas e em toda a imprensa dos Estados e territórios brasileiros.

Apesar da informação sobre a educação dos surdos e da responsabilidade assumida por Tobias Rabello Leite, grande parte do letramento deles ocorreu de forma doméstica e informal, até os anos 1950.

Porém, as oportunidades de leitura e integração dos surdos sergipanos foram e ainda são melhores do que em outros Estados do Brasil, somente por que Tobias Rabello Leite começou a disseminar as informações sobre isso mais cedo e com identidade do povo de Sergipe.

Para Verônica dos Reis Mariano Souza (2014), até os anos 1950, as pessoas surdas ficavam na responsabilidade de médicos psiquiatras, pois os mesmos eram taxados como imbecis, idiotas e até mesmo esquizofrênicos. Souza fala sobre uma declaração do político sergipano Carvalho Neto, que em 1921 chamava a educação dos surdos como

“educação dos anormais”. Podemos perceber como eram tratadas essas pessoas com problemas auditivos no Brasil e em Sergipe naquela época.

Souza(2014) também relata que apenas na segunda metade do século XX (20) é que vão surgir as instituições voltadas para a educação da pessoa surda em Sergipe, ela cita como exemplos a criação da Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo (APADA), que foi fundada no ano de 1991 e encerrou suas atividades no ano de 2016, por falta de recursos.

Também na década de 1990 é fundada a Associação de Surdos de Sergipe (ASSE), com o objetivo de colocar a pessoa surda na sociedade e no mercado de trabalho (SOUZA, 2014).

O letramento dos surdos em Sergipe continuou evoluindo e aderiu à educação inclusiva a partir dos anos 2000. Apesar disso, ainda se mantém um ambiente de educação especial que é muito importante para a comunidade surda sergipana e serve de modelo para a atividade escolar: o Instituto Pedagógico de Apoio ao Surdo em Sergipe (IPAESE). É uma instituição jurídica de direito privado, sem fins lucrativos que foi fundada no ano de 2000, esta iniciativa veio através de um grupo de pais de crianças surdas, ela é considerada a primeira escola especializada para a pessoa surda em Sergipe.

Os fundadores do IPAESE viram que havia necessidade da criação desta escola porque perceberam que a comunidade surda não tinha condições educacionais que atendessem suas necessidades de educação, informação e comunicação. Na rede escolar sergipana, ainda hoje são poucos tradutores e professores de Língua Brasileira de Sinais (Libras), pois a implantação do modelo bilíngue é muito recente.

Esta escola é referência na educação voltada para a pessoa surda no Brasil. Em sua metodologia de ensino é utilizada a educação bilíngue, ou seja, os alunos aprendem através de sua língua mãe, que é a Libras, como pela segunda que é a língua portuguesa oral e escrita.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) está recebendo a primeira geração de alunos surdos integrados, muitos deles formados pelo IPAESE e pelas escolas públicas que resolveram se dedicar ao ensino bilíngue. Para apoiar este novo modo de conviver com a comunidade surda e apoiar seu letramento, o Departamento de Letras Estrangeiras da UFS (DELES) criou em 2015 o **Curso Superior em Letras Libras**. Esta formação vai qualificar professores para atuar diretamente com o letramento dos surdos e atender às necessidades de pessoal qualificado no Estado de Sergipe, assim como em outros locais. Acredita-se que

Sergipe tenha um cenário muito bom para o letramento da comunidade surda, que oferece possibilidades cada vez melhores do encontro entre o surdo e a leitura.

Para isso, é necessário que se pesquise e se aplique aos ambientes da sociedade as boas práticas de mediação de leitura, a compra e disponibilidade de acervos, equipamentos, equipes profissionais de Biblioteconomia e Documentação. A boa evolução do letramento não é só responsabilidade da educação formal e deve estar disseminada em todo ambiente da sociedade.

2.6 As Histórias em Quadrinhos e a Formação de Leitores

As narrativas gráficas foram criadas pela humanidade desde a pré-história, antes de existir alfabetos ou outras formas de registro da informação. Acompanharam todo o registro do conhecimento produzido até os dias atuais. A pintura rupestre pode ser vista e compreendida por nós, muitos séculos depois de ser pintada, pois é um registro de conhecimento humano feito com narrativa gráfica. Segundo Leila Rentroia Iannone e Roberto Antonio Iannone(1994,p. 27) “desde os tempos das cavernas, o homem tem se utilizado de desenhos e outros elementos gráficos para retratar suas aventuras e misticismos”.

Figura 1: Sucesso na caçada. Pintura rupestre brasileira na Serra da Capivara, Piauí.



Fonte: Blog Meio-Norte <<http://www.meionorte.com/blogs/incrivel/deuses-ets-e-bichos-medonhos-da-serra-da-capivara-287106>>. Acesso em 10 de abril de 2017.

No Brasil, inúmeros exemplos de registros do conhecimento de nossos ancestrais indígenas, que ajudam saber como viviam antes da chegada dos exploradores portugueses (figura 1).

A invenção dos jornais modernos, que eram impressos, foi só possível depois que o inventor Johann Gutemberg conseguiu inventar a máquina e o método que permitia imprimir em grandes quantidades, a prensa, em 1447. Mas, naquela época, a maioria da população era analfabeta. Então, para que o objetivo do jornal fosse cumprido, as narrativas gráficas passaram a fazer parte de todos os jornais. Substituíam também a função da fotografia no registro de fatos e do rosto das pessoas noticiadas, até o século XX (20). No período entre os séculos XVI (16) ao século XIX (19), a narrativa gráfica foi evoluindo nos jornais:

No princípio, os desenhistas desenvolveram as ilustrações para retratar cenas ou contar histórias. Muitas vezes, tudo era mostrado em um único desenho. Em outras, as ilustrações apareciam em sequência, sem legendas. Enfim, inúmeros artistas trabalhavam com ilustrações – ora contando histórias sem legendas, ora com ilustrações e textos –, que foram consideravelmente difundidas nos livros e na imprensa. Esse era o contexto em meados do século XIX, época em que se ensaiava, quase simultaneamente na Europa e nos EUA, o nascimento das histórias em quadrinhos (IANNONE, L.R. ; IANONNE, R.A., 1994, p.27).

No final do século XIX (19), nos Estados Unidos da América, a imprensa precisava conquistar os leitores da população das cidades. Os norte-americanos sempre estiveram com boa situação de educação e tinha dinheiro para comprar jornal. Para trabalhar em funções mais simples, os EUA trouxe muitos imigrantes do mundo todo no século XIX (19). Mas, muitos deles eram imigrantes que não falavam ou liam bem em inglês.

Os donos da imprensa queriam vender jornais para os imigrantes também e o governo norte-americano tinha muito interesse em que aquelas pessoas aprendessem o inglês e se integrassem aos costumes dos EUA. Então, trabalharam muito para desenvolver a narrativa gráfica que mais ajudasse nessa motivação.

O jornalista Richard Felton Outcault fazia a investigação das notícias na periferia da cidade de *New York* (Nova Iorque), frequentando os cortiços e favelas que lá existiam, cheias de imigrantes do mundo todo, e pessoas pobres sem instrução que vinham da zona rural. Então, ele conseguiu criar um conjunto de personagens que agradaram muito a esses leitores, e eles conseguiram consumir os jornais e diminuir suas dificuldades de leitura.

A comunidade chinesa era muito grande e a sua língua materna muito diferente do inglês e de todas as outras praticadas pelos outros imigrantes também. Então, Outcault criou

um menininho chinês em sua camisola, que chamou de Yellow Kid (Menino Amarelo), como personagem principal. Era um menino muito artemista e sempre estava em aventuras pelos becos, favelas, ruas pobres, com seus outros amigos imigrantes. Todo mundo tentando se comunicar em inglês, com palavras simples, gírias também. Então, as falas apareciam indicadas na roupa dos personagens ou nas paredes, para facilitar:

Por volta de 1895, o suplemento dominical do [jornal] *The New York World* passou a publicar o *Down Hogan's Alley*, uma narrativa gráfica humorística, desenhada por Richard Outcault. Essas caricaturas semanais mostravam cenas engraçadas com os moradores dos cortiços nova-iorquinos. Os textos que as pessoas falavam apareciam nas paredes, em cartazes ou outros locais do desenho. Assim, Outcault acabou celebrizando-se por ter introduzido o diálogo junto aos personagens e não no rodapé, como era o costume dos jornais na época (IANNONE, L.R.; IANONNE, R.A., 1994, p.31).

O dono do jornal *New York World*, o empresário Hearst, pediu para Outcault desenhar a narrativa em formato de tira, ao invés de usar uma única vinheta, com o *Yellow Kid* e o Papagaio também. Mas, o papagaio era muito pequeno e era necessário criar uma solução para ele poder falar. Então, Outcault criou o balão de fala em outubro de 1896, para que o papagaio pudesse falar (figura 2). Esse sinal é o que os pesquisadores e especialistas dizem que marca o nascimento das histórias em quadrinhos.

Ainda a pedido de Hearst, Outcault fez algumas experiências apresentando o Yellow Kid em sequências de imagens e não em lâminas únicas. Em outubro de 1896, um desses “episódios” foi publicado. Tratava-se da historieta *The Yellow Kid and His New Phonograph* (O garoto amarelo e seu novo gramofone), onde um papagaio escondido em um gramofone¹ fazia gozação com Kid. Com ela, Outcault inovou não só na forma como a introdução de balões com falas. Nascia, assim, a primeira tira cômica (IANNONE, L.R. ; IANONNE, R.A., 1994, p.31).

Figura 2: Publicação da primeira história em quadrinhos, em outubro de 1896.

¹ O gramofone ou fonógrafo é um instrumento para tocar músicas e gravações. As primeiras gravações eram feitas em formato de tubo, mas depois foi adotado o formato de disco. Uma agulha arranhava a superfície do tubo ou disco e o som saía por um funil. O aparelho era movido à manivela.



Fonte: Site Pinterest < <https://br.pinterest.com/pin/480548222709703068/> >.

Depois do sucesso do Yellow Kid, Outcault criou em 1902 um personagem mais comportado, o menino Buster Brown, que conhecemos no Brasil como o Chiquinho (figura 3), publicado pela revista infantil O Tico-Tico. Foi publicado aqui e pelo mundo, pois era divertido e querido por crianças e adultos, mas sem a malícia do Yellow Kid. Então, Outcault teve dois filhos, um levado e outro comportado, que atraíram inúmeras crianças, adolescentes e adultos para a leitura.

Figura 3: Richard F. Outcault e suas criações: Yellow Kid e Buster Brown (Chiquinho no Brasil).



Fonte: Verbete Wikipédia *The Yellow Kid*. Acesso em 10 de abril de 2017.

A partir do nascimento das histórias em quadrinhos, em 1896, Antônio Luiz Cagnin define como elementos que fazem parte:

[...] das **imagens** ou **figuras**, tradicionalmente desenhadas [...]; O **texto**, apresentado das seguintes formas: O **balão**, que abriga as falas e os diálogos [...] a **legenda**, noutros tempos embaixo dos quadrinhos, hoje juntamente com as imagens, abriga o narrador, esta personagem fictícia que nos conta, em texto, algumas passagens que não são representadas pela imagem; as **onomatopeias**, tanto na linguagem portuguesa, como as do inglês, estas já incorporadas por todos os idiomas rendidos pela avalanche dos *comics* americanos que invadiu o mundo após a criação dos *syndicates*, em 1930, a chamada Época de Ouro dos Quadrinhos (grifos e negritos do autor) (CAGNIN, 2015, P.34).

As histórias em quadrinhos já nasceram com a motivação de levar as pessoas a ler e compreender fatos importantes, notícias jornalísticas, informações, fatos, fazer também a leitura crítica e conseguir entender e usar estruturas da linguagem escrita, muitas vezes em língua diferente de sua língua materna e doméstica.

Na situação do surdo na atualidade brasileira, que tem língua materna e doméstica a Libras, é parecida com a situação dos chineses que imigraram para os Estados Unidos no século XIX (19). Na verdade, eles eram tão inteligentes e capazes quanto os norte-americanos, mas não conseguiam conviver com as pessoas que viviam em seu novo lar, estudar, trabalhar ou fazer as atividades mais comuns, como comprar alimentos e roupas, alugar uma casa, etc. Tudo isso por causa da barreira da língua. E os norte-americanos em

geral tiveram vontade de fazer com que os chineses pudessem conviver e se integrar, para conseguir empregar esses imigrantes e aproveitar o melhor de suas capacidades, conviver bem com eles, evitar que vivessem marginalizados, virassem vagabundos, pedintes, bandidos.

A partir da nova lei brasileira e do Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2016), vê-se a mediação da leitura literária e de outros conteúdos por meio das histórias em quadrinhos está de acordo com o esforço para melhorar o letramento em língua portuguesa e a aprendizagem dos surdos, como foi praticado pelos EUA com seus imigrantes chineses no passado, é possível conhecer hoje os seus resultados.

Com a quadrinhização literária, é possível aproveitar toda a energia das histórias em quadrinhos para mediar a leitura e conseguir compensação pelo período de ausência da prática leitora na vida do surdo. O Brasil precisa dessa energia, para melhorar as chances de sucesso da inclusão do surdo no ensino superior.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa proposta é aplicada, de natureza exploratória, foi desenvolvida por método bibliográfico e comparativo de dados coletados em campo, através de experimentos e entrevistas com depoentes voluntários, estudantes surdos de nível superior (faculdade e universidade), como Grupo-Teste (Experimental). Para enriquecer a pesquisa, houve a participação voluntária de alunos ouvintes da graduação em Letras/Libras, cujos dados foram utilizados como Grupo-Controle (Testemunha). Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 143-144), o grupo experimental é aquele que vai manipular a variável independente e o grupo controle vai acompanhar a rotina, sem gerar o dado da variável.

No caso, a variável independente que foi investigada a leitura do surdo, ela é o elemento diferente que participa da principal hipótese da pesquisa, que pode ser medido pelo nosso experimento. Então, os ouvintes puderam participar das atividades, e seus resultados serviram para comparação e análise do grau de dificuldade do surdo, na mediação da leitura literária.

A metodologia utilizada foi a da pesquisa participante, também conhecida como pesquisa-ação. A primeira etapa, para começar a entender melhor o tema e o objeto, foi a pesquisa bibliográfica, onde se encontrou a base teórica do tema e também resultados de outros estudos sobre a leitura dos surdos. A segunda etapa foi a coleta de dados e observação planejada, com pesquisa participante, individual e em campo, sendo que “não há necessidade de amostragem extensa, visto que, nesses casos, normalmente, os estudos são realizados com amostras pequenas de indivíduos” (SILVERMAN, 2009, p. 63).

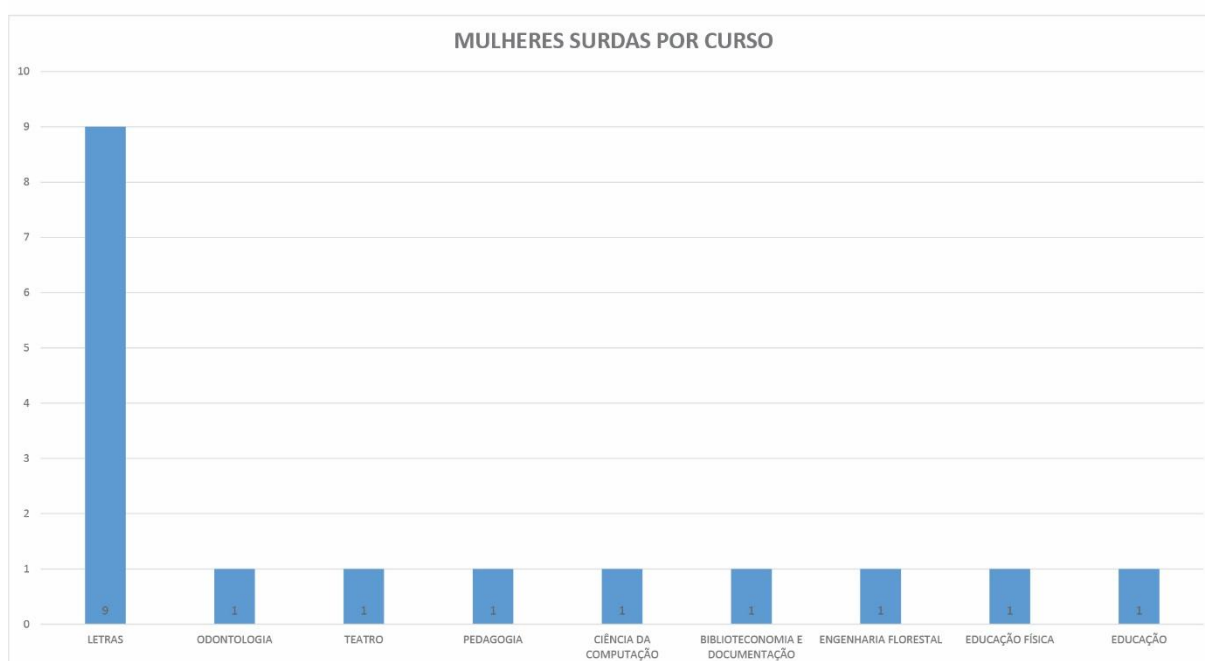
O método de levantamento de coleta de dados foi de cunho qualitativo, com experimentos de observação de leitura de surdos, com uso das quadrinhizações literárias como fonte e entrevista individual estruturada com questões abertas. Quando a participação na pesquisa é exigente, ou por razões éticas, o tema abordado for delicado, “cabe ao pesquisador apelar para uma amostra de voluntários” (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 170), o que foi feito na ocasião. Essa situação gerou o tipo da amostra não-probabilista que compõe a pesquisa, na qual precisa recrutar e convencer cada pessoa do grupo a participar.

Quando a aplicação foi feita nas quatro turmas de Letras Libras, um grande número de alunos ouvintes se ofereceram para participar do experimento, pois queriam aprender como fazer para trabalhar a leitura com surdos com as histórias em quadrinhos também, Assim, coletou-se os resultados do experimento dessas pessoas também e tratados como Grupo-Controle, pois são alunos que estudam as mesmas coisas que os surdos

voluntários da segunda amostra, convivem e dividem as ideias e dificuldades da vida universitária.

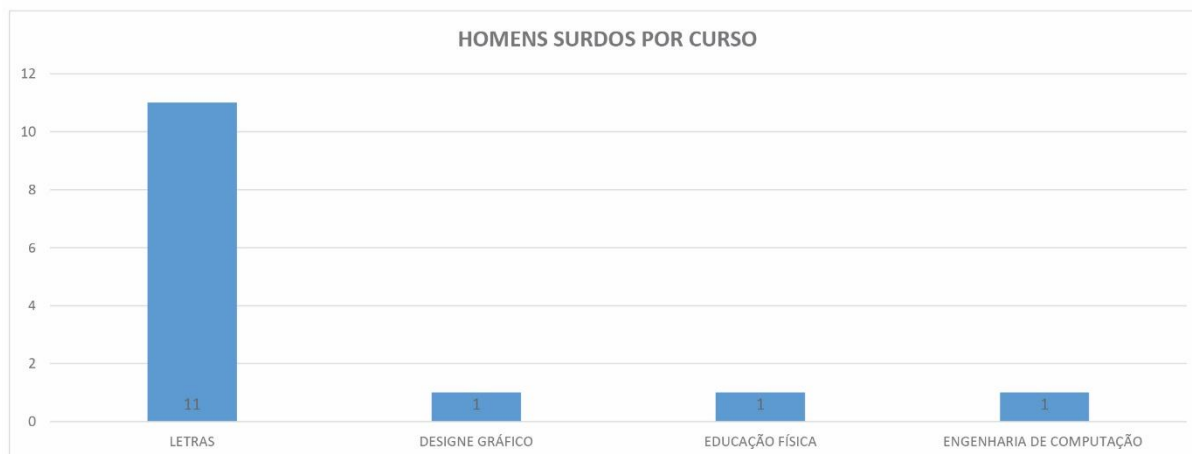
Segundo dados fornecidos pelo DAIN/UFS, os alunos surdos dessa universidade somam o número de 32, contando com a autora desse trabalho (figuras 4 e 5). Mas, o estado de Sergipe tem outros universitários surdos e a fase de divulgação da pesquisa procurou alcançá-los na primeira sondagem. Então, tivemos cinco surdos de fora da UFS comparecendo na primeira sondagem, em 2016, que serviu de aprendizagem para melhorar as estratégias de aplicação da segunda vivência, em 2017. Essa primeira observação serviu de piloto para a segunda, que foi melhor estruturada.

Figura 4: Alunas Mulheres Surdas por Curso na UFS (2017)



Fonte: Informe do DAIN/UFS (2017)

Figura 5: Alunos Homens surdos por curso na UFS



Fonte: Informe do DAIN/UFS (2017)

Nessa segunda vivência, que foi aplicada por uma semana, obteve-se o total de 21 surdos envolvidos, todos alunos do curso de Letras libras da UFS. Desses, 15 responderam à pesquisa sobre o perfil leitor em escala Likert e todos os 21 participantes responderam ao questionário de verificação da mediação de leitura literária. Então, a amostra dos universitários da UFS, que tem o total de 32 estudantes surdos, deu a porcentagem de 66% de voluntários no total, mas não está distribuída nos outros cursos. Então, o resultado da pesquisa de campo é muito confiável pela amostra, mas a aplicação da mediação de leitura literária pode ter variação nos alunos de outros cursos.

O nome pelo qual identificamos os procedimentos de observação da pesquisa participante foi “Vivências de Mediação de Leitura”. Damos esse nome, para que os voluntários soubessem que iriam participar de uma prática e contribuir com sua avaliação, para poder viver a experiência de uma leitura literária mediada, que foi divertida e ensinou novas coisas para todos participantes sem sacrifícios e obrigações.

A experiência inicial foi a própria leitura da pesquisadora. Baseada em suas dificuldades, criou uma ficha de leitura para apresentar a obra ao surdo e pular alguns momentos de dificuldade. Nessa ficha, as seguintes informações ajudaram cada um a escolher a melhor leitura e aproveitar bem o seu tempo, sentindo a emoção da literatura:

- Título;

- Público-alvo (leitor surdo iniciante; médio ou experiente);
- Comentário sobre a obra (dificuldades, facilidades, surpresas para o leitor surdo);
- Resenha (o enredo resumido sem o final, com questão para dar curiosidade e convidar a leitura);
- Vocabulário de apoio (para não precisar usar o dicionário).

Para aprofundar o conhecimento sobre o letramento dos surdos universitários participantes, foi desenvolvida uma pesquisa de opinião em escalas likert, para que todos pudessem descrever o seu nível de satisfação com as atividades de leitura que vivem na formação superior. Para escolher as escalas, foi utilizada na Ciência da Informação a Teoria Psicológica da Informação (TIP), do pesquisador Bruno Lussato (*apud* SILVA; RIBEIRO, 2008, p. 112-114). Segundo Lussato, um conjunto de escalas de avaliação que se pode utilizar para verificar como as pessoas se apropriam da informação e do conhecimento, depende de suas motivações e de suas experiências. Por isso, Lussato fez a proposta de cinco categorias que podem ser usadas como escalas:

Escala H: algedônica (prazer/aborrecimento) [...].
 Escala E: estética (belo/feio) [...].
 Escala L: lógica (verdadeiro/falso) [...].
 Escala U: utilidade (útil/prejudicial) [...].
 Escala M: ética (bom/mau) [...].
 (LUSSATO *apud* SILVA; RIBEIRO, 2008, p. 114).

Com as escalas determinadas, foi necessário verificar a melhor forma de apresentar as questões referentes a elas para os surdos. Assim foi escolhida a forma *Likert*² de montagem das questões, de modo que cada participante julgou uma frase referente a escala proposta, relatando níveis de satisfação. Com esses dados em mãos foi possível desenhar um perfil leitor que facilitou a análise dos resultados do experimento da leitura das quadrinhizações literárias.

Para exemplificar os principais ganhos da leitura da quadrinhização literária, aumento intelectual, habilidades e competências leitoras, melhor mediação para os leitores surdos por meio das quadrinhizações, desenvolvemos e aplicamos os experimentos utilizando a Coleção Clássicos em HQ, da Editora Peirópolis, que tem preocupação de ser publicada no tipo certo para utilizar na observação. Esta coleção também é muito adotada pelo Programa

² A escala Likert ou escala de Likert é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários, e é a escala mais usada em pesquisas de opinião. Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os perguntados especificam seu nível de concordância com uma afirmação. Esta escala tem seu nome devido à publicação de um relatório explicando seu uso por Rensis Likert (ESCALA LIKERT, 2017).

Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) e Programa Nacional do livro Didático (PNLD), já tem disponível em escolas públicas e os professores conhecem.

O acervo das quadrinhizações literárias que foi utilizado nas vivências de leitura foi composto pelos exemplares da Coleção Clássicos em HQ, da Editora Peirópolis, que serviram como amostra de adaptação literária para leitura laboratorial, durante o experimento:

- ABU, Ângelo ; DAN X. **Macunaíma em quadrinhos** .
- BAGNARIOL, Piero ; BAGNARIOL, Giuseppe. **A Divina Comédia em quadrinhos** .
- BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro ; BAGNARIOL, Piero. **Odisseia de Homero em quadrinhos** .
- BORGES, Taisa. **Frankenstein em quadrinhos**.
- CAETO. **A morte de Ivan Ilitch em quadrinhos**.
- FERREIRA, Laudo; VIÑOLE, Omar. **Auto da Barca do Inferno em quadrinhos**.
- GALHARDO, Caco. **Dom Quixote em quadrinhos**.
- GALHARDO, Caco. **Dom Quixote em quadrinhos volume 2**.
- GUAZZELLI, Eloar. **Demônios em quadrinhos**
- IRRTHUM, Luciano. **O corvo em quadrinhos**.
- MIR, Alex ; GENARO, Alex. **A Mão e a Luva em quadrinhos**.
- NESTI, Fido. **Os Lusíadas em quadrinhos**.
- SILVINO. **Conto de Escola em quadrinhos**.
- SILVINO. **I-Juca Pirama em quadrinhos**.

No experimento proposto, convidou cada estudante voluntário surdo, para que leia uma quadrinhização literária pertencente à *Coleção Clássicos em HQ*. Puderam escolher, junto com o tradutor de Libras. Após a leitura, que durou 60 minutos em média, os voluntários responderam três questões simples:

- Enredo: Você é capaz de escrever a história de forma resumida, cinco linhas?
- Vocabulário: Você descobriu o que quer dizer uma palavra? Descobriu o significado de sinal novo? Explique.
- Interpretação/afetividade: O que você sentiu ao ler o texto? Emoção? Surpresa? Qual o mais importante?

Essas três questões foram desenvolvidas baseadas no conceito de leitura literária de Teresa Colomer (2003) e as formas de acompanhar a formação do leitor literário. Também foi pedido que cada um dos voluntários pesquisados se identificasse, completasse os dados do sexo, idade, grau de instrução e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para utilização dos dados.

Após a conclusão do experimento, foi feita a análise, juntando o que diz a pesquisa bibliográfica, o que os estudantes perceberam e a impressão da pesquisadora deste trabalho, que também é surda e já enfrentou dificuldades iguais para pode estudar e ler.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados vai considerar todos os elementos quantitativos e qualitativos coletados durante as vivências, sendo que as observações e questões apresentadas pelos participantes durante esses experimentos foram anotadas e fazem parte da análise.

Os registros fotográficos das duas vivências de leitura, que são as sondagens de campo, mostram que a atividade foi interessante e prazerosa para os surdos voluntários. Na verdade, causou surpresa, pois eles ficaram muito felizes com a atenção, gostaram da novidade e procuraram cooperar para tentar realizar a leitura e compreender o conteúdo.

Explica-se: a primeira vivência de leitura foi agendada para o período 2016-1, no dia 3 de outubro de 2016 (figuras 6, 7 e 8). Ocorre que universitários surdos compareceram, sendo ex-colegas da pesquisadora da Instituição IPAESE. Houve a visita de uma estudante de Letras Libras e seu marido, que gostaram da prática e criaram a oportunidade para agendar um conjunto de vivências de leitura para todas as turmas de Letras Libras, no período 2016-2, na semana de 7 a 14 de março de 2017 (figuras 9 e 10).

Como pode ser visto nos registros fotográficos (figura 8), as fichas de leitura desenvolvidas para apoiar a mediação foram dispostas junto aos quadrinhos, ajudando na escolha. Outros critérios que chamaram a atenção foram o título, a arte da capa, a espessura da revista. Nas duas sondagens, os surdos declararam que o título *A Morte de Ivan Ilich* (CAETO, 2014) era a quadrinhização mais fácil de ler, mas era “muito grossa”. Isso influenciou a escolha e comentada durante a análise.

O trabalho dos intérpretes do DAIN/UFS foi muito importante nas vivências de leitura. Mas, na segunda sondagem, pudemos contar com a ajuda dos alunos ouvintes de graduação em Letras Libras, pois eles praticaram a interpretação com seus colegas e também acompanharam as leituras e responderam aos instrumentos. Porém os dados coletados dos ouvintes não foram computados para essa pesquisa, porque estávamos buscando a variável da leitura dos surdos. Vimos que a participação dos alunos ouvintes foi importante, pois eles também tiveram um aprendizado sobre a mediação de leitura literária que podem praticar com surdos em seu futuro trabalho, nas atividades de Atendimento Educacional Especializado (AEE) por exemplo.

Quando foi feita a tabulação dos dados, foi possível ver que as mulheres e os homens apresentaram resultados diferentes, também foi resolvido mostrar os dados quantitativos e fazer as análises separadas por gênero, enriquecendo a visão sobre os efeitos da vivência. Mulheres e homens também têm muitos pontos em comum.

Figura 6: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2016



Fonte: Registro fotográfico da atividade de Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2016)

Figura 7: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2016



Fonte: Registro fotográfico da atividade de Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2016)

Figura 9: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2017



Fonte: Registro fotográfico da atividade de Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Figura 10: Vivência de mediação de leitura literária para universitários surdos em 2017



Fonte: Registro fotográfico da atividade de Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

4.1 Análise do perfil leitor dos universitários surdos

O perfil leitor dos universitários surdos foi analisado com referencial da Ciência da Informação, utilizando as categorias criadas por Lussato, que podem ser usadas como escalas:

Escala H: algedônica (prazer/aborrecimento) [...].
Escala E: estética (belo/feio) [...].
Escala L: lógica (verdadeiro/falso) [...].
Escala U: utilidade (útil/prejudicial) [...].
Escala M: ética (bom/mau) [...].
(LUSSATO *apud* SILVA; RIBEIRO, 2008, p. 114).

A decisão de usar a escala Likert foi por causa da familiaridade dos surdos com ela, pois todos já responderam antes às pesquisas de Marketing de empresas e pesquisas de opinião. O instrumento ficou agradável, rápido de responder e fácil (Anexo 2). Deu certo e logo os participantes entenderam como responder. O resultado é muito importante, para saber mais intimamente o que os universitários sentem em suas atividades de aprendizagem na universidade. Foi medido o grau de satisfação, com relação a autonomia de leitura dos participantes, que é o problema que pode ser melhorado pela prática da leitura literária.

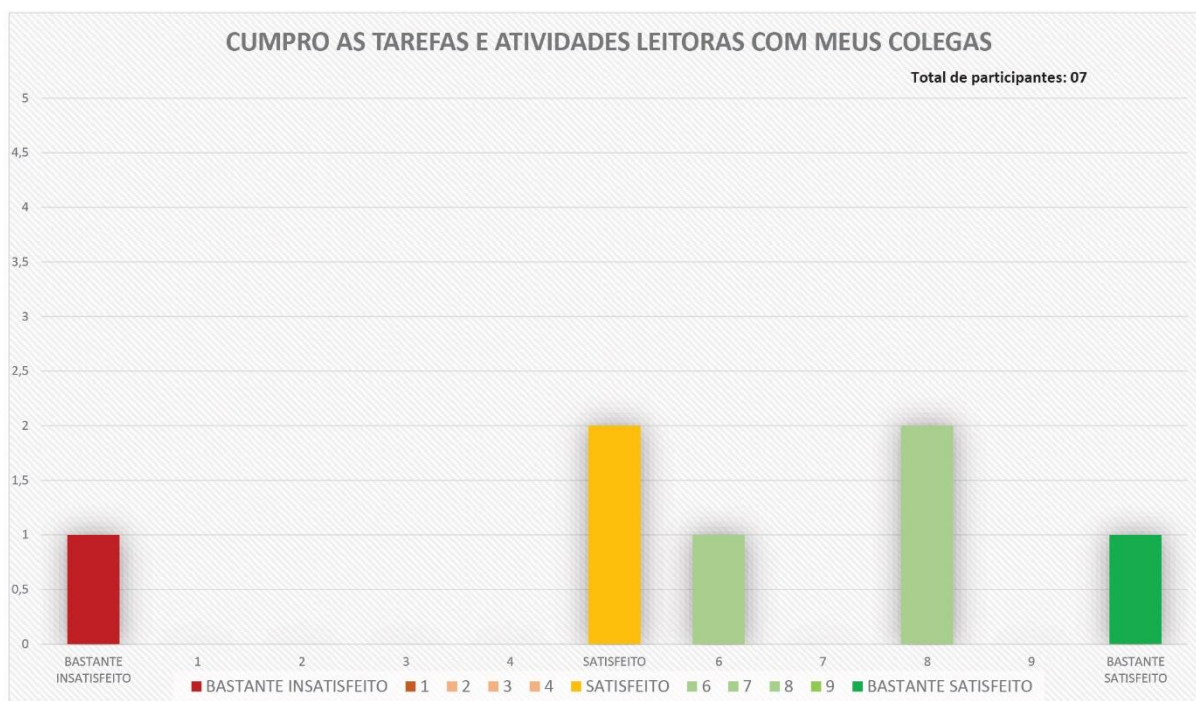
Para essa atividade, tivemos sete (7) voluntárias mulheres surdas e oito (8) voluntários homens surdos. Quando foi analisado os resultados, vimos que é interessante separar por gênero, pois apresenta algumas diferenças.

O perfil leitor dos universitários surdos foi verificado por meio de sua opinião, de seu nível de satisfação com o que estão vivendo no curso superior, com o apoio das categorias criadas por Lussato (*apud* SILVA; RIBEIRO, 2008, p. 114). Foi importante para os participantes dessa coleta de dados, pois eles perceberam que as escalas correspondiam às suas diferenças em relação aos alunos ouvintes.

A Escala M: Ética (bom-mau) foi feita pelo nível de satisfação com a seguinte afirmação : “Cumpro tarefas e atividades leitoras com meus colegas.”

Notou-se que as mulheres estão na maior parte satisfeitas, mas pelo menos uma delas que vive grandes dificuldades (figura 11). Isso é preocupante, pois leva ao fracasso na formação e pode também ser motivo de abandono. As mulheres têm melhor comunicação com tradutores, colegas e professores, o que acaba sendo vantagem para superar os problemas de leitura.

Figura 11: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala M: Ética para mulheres surdas



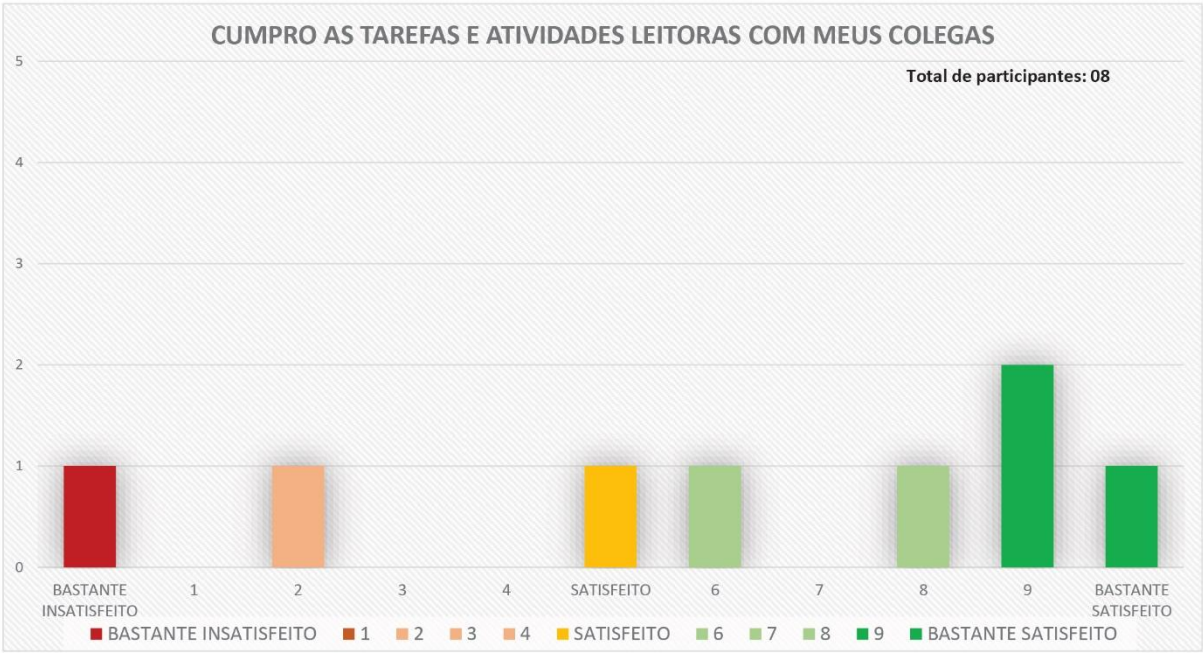
Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Os homens responderam sobre a Escala M: Ética (bom-mau) de modo diferente. Os resultados ficaram bem distribuídos no nível de satisfação. Existe mais insatisfação entre os homens (figura 12).

Ao verificar o comportamento dos homens durante o período de observação percebemos que eles estão em menor número na turma. Para fazer amigos e colegas de estudo, precisam falar, para se aproximar dos colegas ouvintes que ainda estão aprendendo Libras, ou se aproximar dos colegas surdos, que estão vivendo as mesmas dificuldades.

Da personalidade dos homens, muitas vezes não querem pedir ajuda, mas vivem as mesmas dificuldades dos demais. Ficam mais insatisfeitos, sem saber que seus colegas estão com o mesmo sentimento. Com essa verificação, foi possível ver que as atividades de mediação de leitura são muito necessárias para todos os estudantes, mas vão ajudar mais aos homens surdos, que se sentem insatisfeitos e têm dificuldades para pedir ajuda.

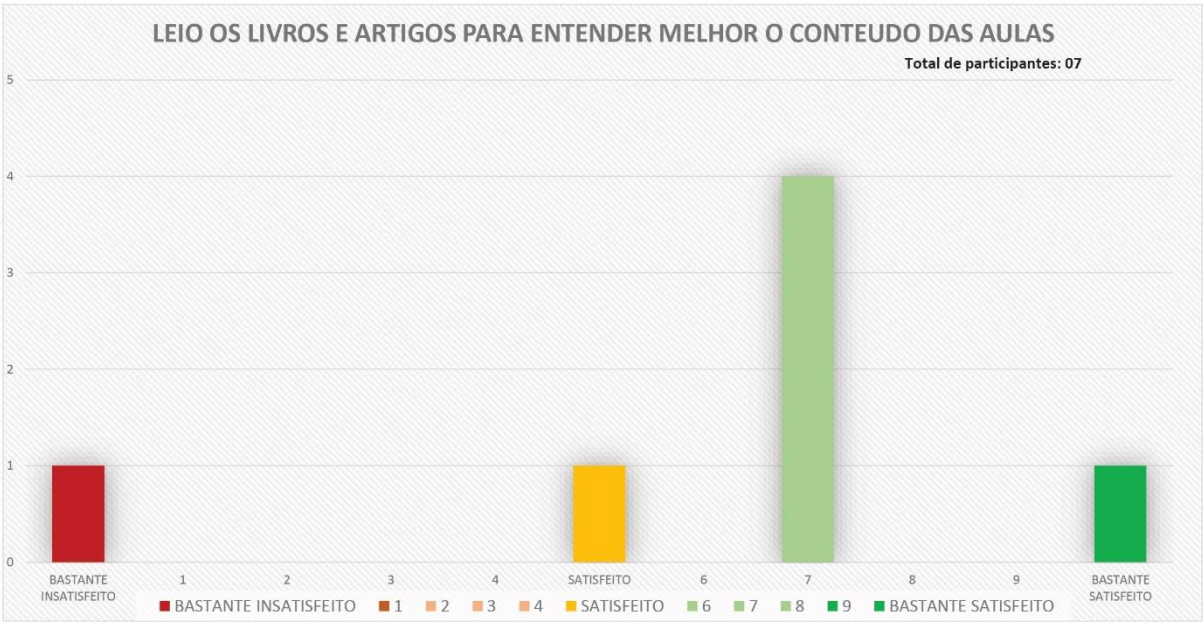
Figura 12: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala M: Ética para homens surdos



Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017).

A Escala U: Utilidade (útil-prejudicial), foi feita pelo nível de satisfação com a seguinte afirmação: “Leio os livros e artigos para entender melhor o conteúdo das aulas.” As mulheres estão mais satisfeitas com suas leituras, o que nos informa a busca por leituras fora das atividades de aula (figura 13).

Figura 13: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala U: Utilidade para mulheres surdas

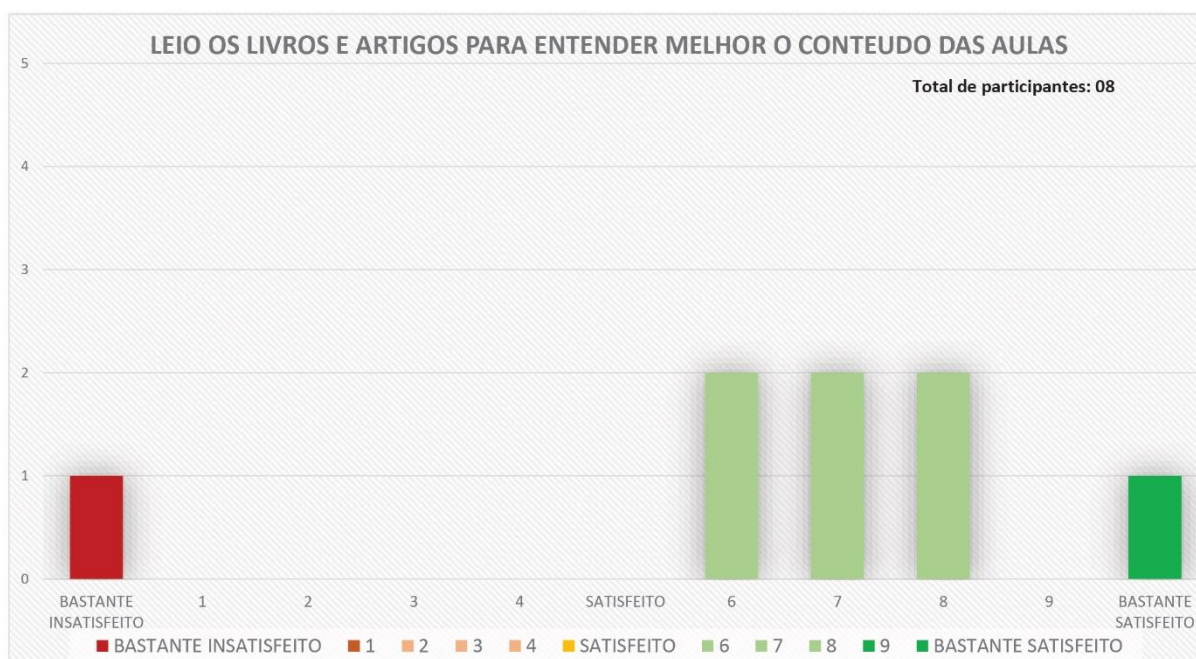


Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Isso é muito importante, pois ajuda a perceber que as mulheres surdas estão desenvolvendo hábitos de leitura para melhorar seu entendimento no curso superior. Esse é um objetivo que os educadores querem para todos os seus alunos, sejam surdos ou ouvintes, da busca pela autonomia. As estratégias de aprender com autonomia têm de passar pela modificação dos hábitos de leitura, quando passa para o nível superior.

Os homens estão satisfeitos com suas leituras de livros, para entender melhor o conteúdo das aulas, de uma forma mais distribuída. A opinião masculina é mais individualizada (figura 14).

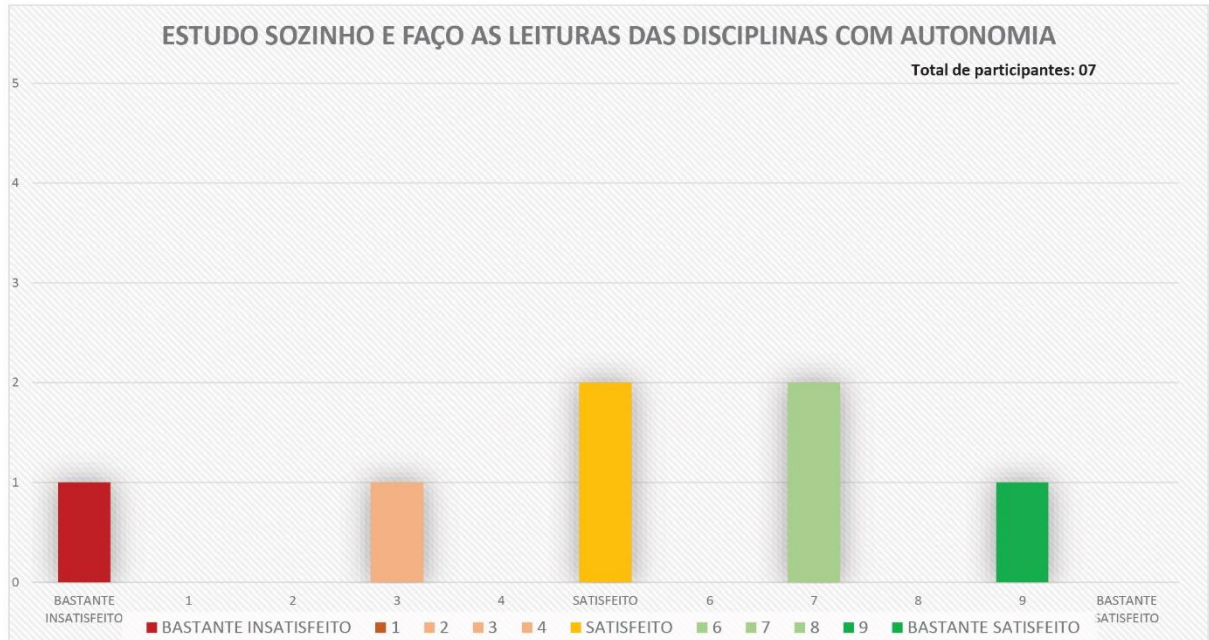
Figura 14: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala U: Utilidade para homens surdos



Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

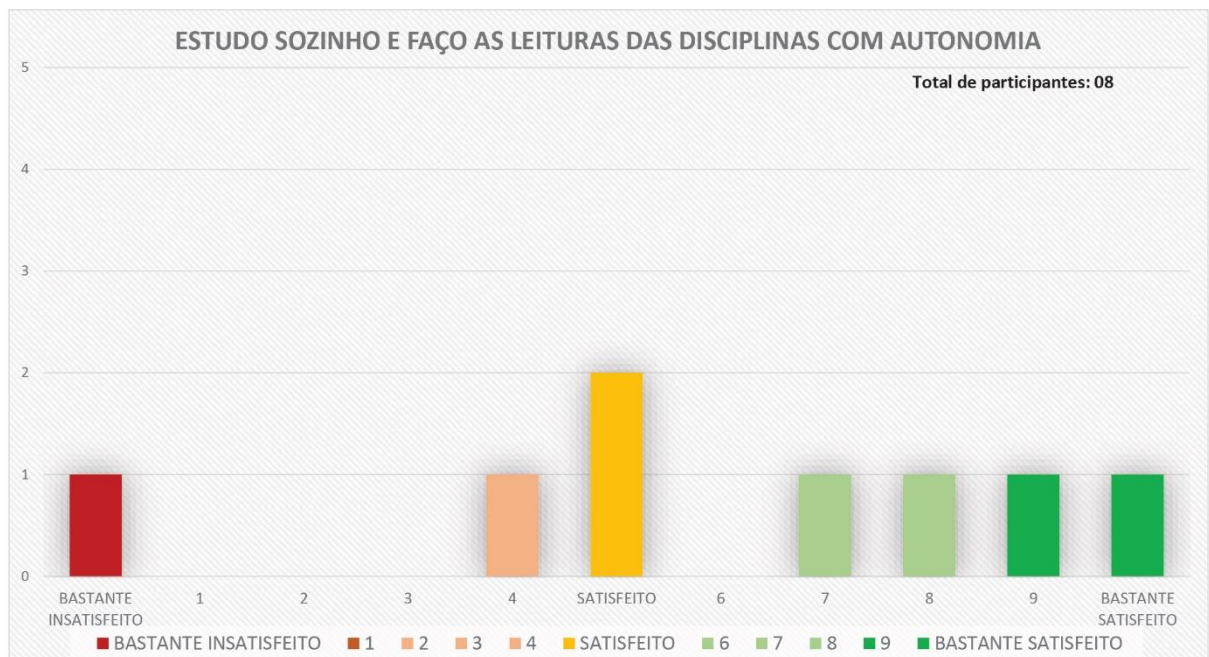
A Escala L: Lógica (Verdadeiro-falso) foi feita pelo nível de satisfação com a seguinte afirmação: “Estudo sozinho e faço as leituras das disciplinas com autonomia”. As opiniões ficaram mais distribuídas para os dois gêneros, mas tem uma diferença importante. Enquanto as mulheres declararam que estão mais satisfeitas com as atividades das Escalas Ética e de Utilidade, os homens estão mais satisfeitos com a Escala Lógica. Isso confirma um perfil leitor mais solitário para os homens, que estão acostumados a estudar sozinhos e acabam adquirindo mais autonomia individual, enquanto as mulheres se integram mais e tem mais satisfação em atividades de estudo coletivas (figuras 15 e 16).

Figura 15: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala L: Lógica para mulheres surdas



Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Figura 16: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala L: Lógica para homens surdos

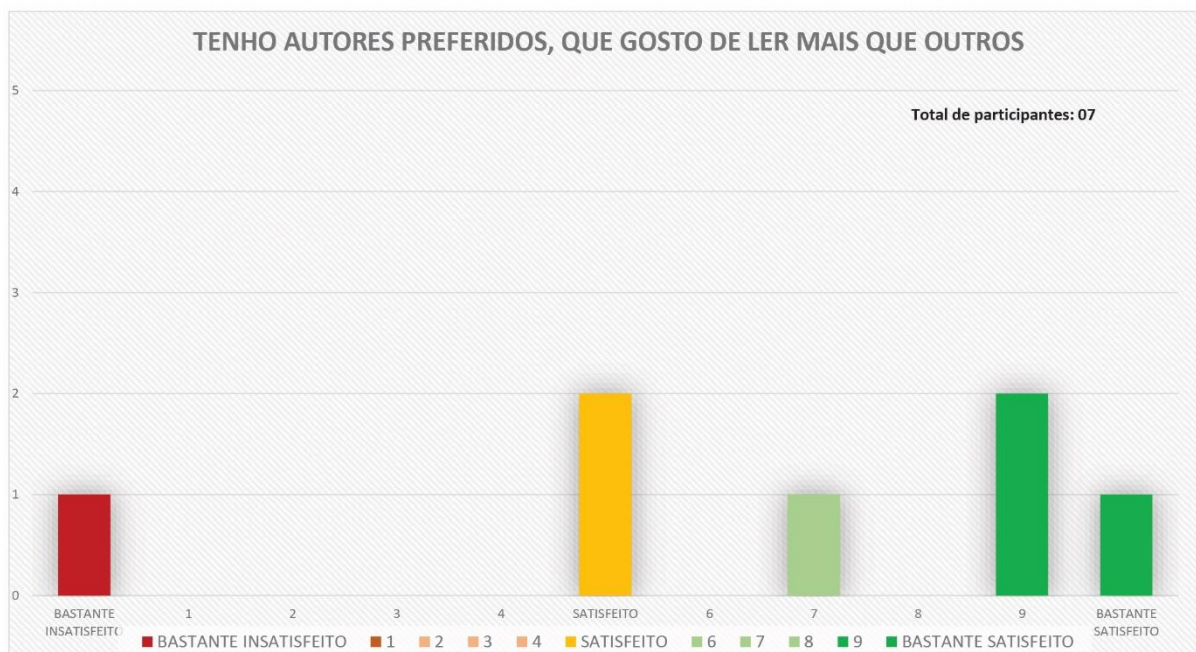


Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

A Escala E: Estética (belo-feio) foi feita pelo nível de satisfação com a seguinte afirmação: “Tenho autores preferidos, que gosto de ler mais que outros”. Ela permite saber se o leitor surdo desenvolveu gostos leitores, ou os seus hábitos de leitura são apenas voltados para a utilidade e a necessidade informacional. O letramento depende da formação de gostos leitores também. Então, novamente os resultados das mulheres e dos homens surdos apresentaram algumas importantes diferenças.

No caso das mulheres, elas estão satisfeitas, o que informa que têm desenvolvido uma relação com a leitura que é maior do que a da necessidade para o cumprimento das atividades e tarefas universitárias (figura 17). Preferir e gostar de autores já mostra que têm opinião e que vão escolher com esse critério. A maioria das mulheres respondeu que está bem no meio da escala, o que nos mostra que ainda têm um caminho a percorrer para ficarem bastante satisfeitas com os autores e suas leituras.

Figura 17: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala E: Estética para mulheres surdas

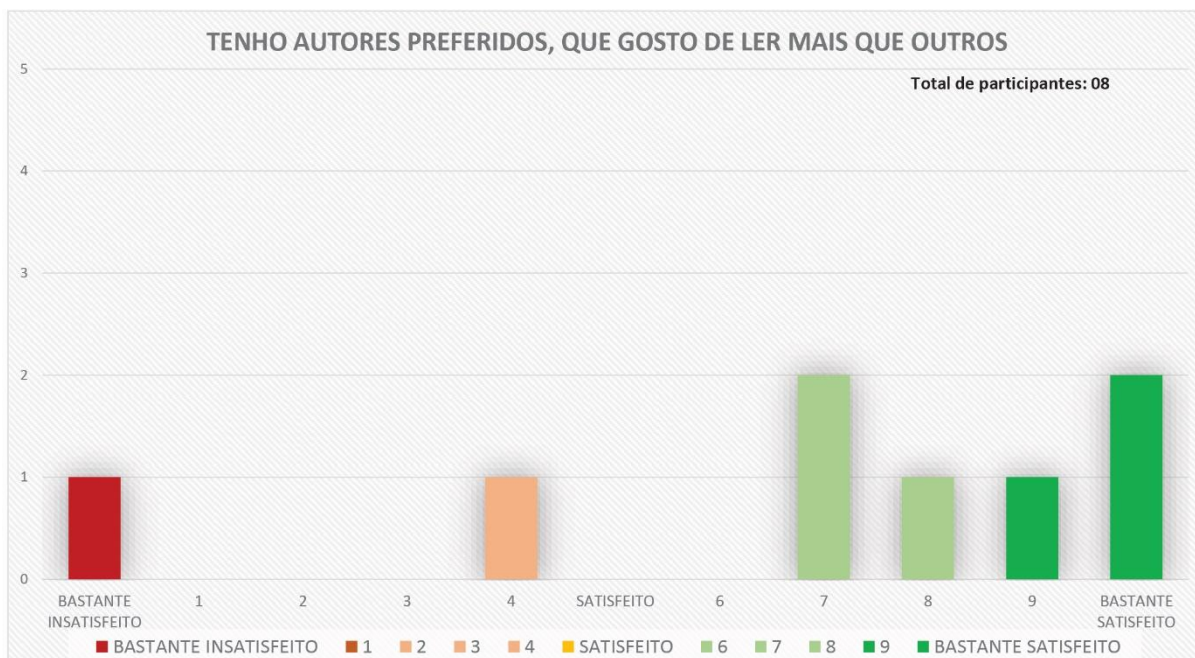


Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Os homens surdos estão muito mais satisfeitos. Os resultados estão concentrados nos níveis mais altos de satisfação da escala Likert. Então, verificamos que eles têm maior amadurecimento na prática leitora, já estão com gostos e preferências mais desenvolvidos. Demonstraram muita segurança na resposta (figura 18).

Verificou-se que essa informação se confirmou na mediação da leitura literária com quadrinhos, pois os homens tiveram menos fracasso que as mulheres.

Figura 18: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala E: Estética para homens surdos



Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

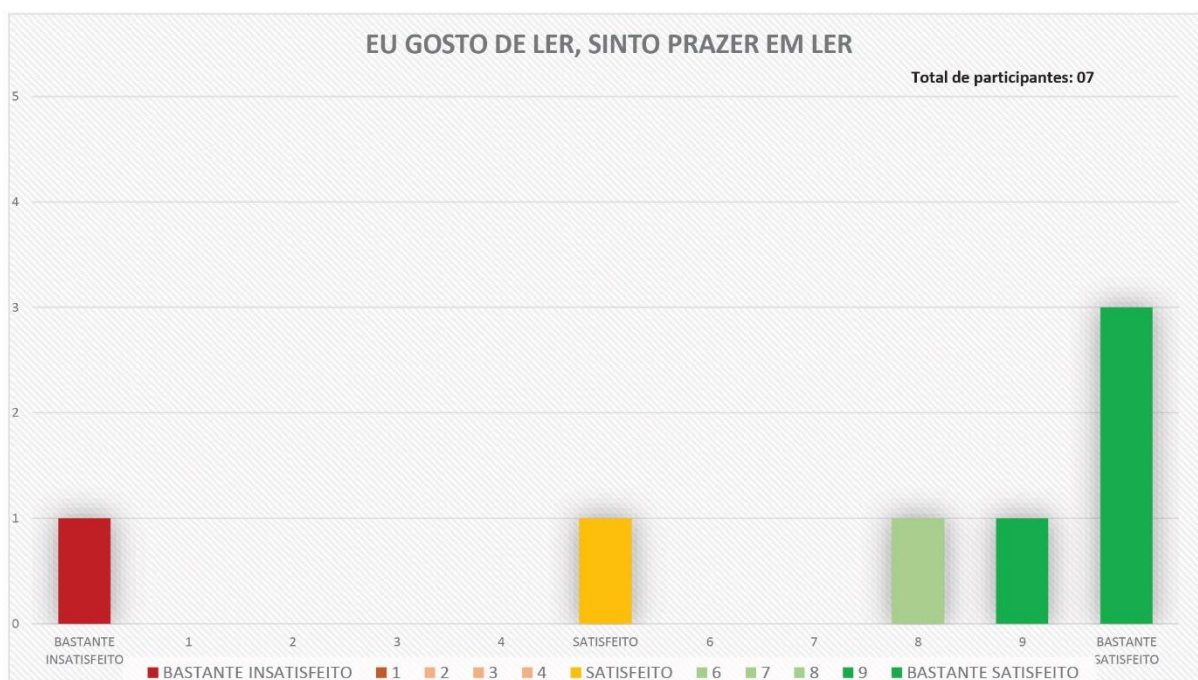
A Escala H: Algedônica (prazer/aborrecimento) foi feita pelo nível de satisfação com a seguinte afirmação: “Eu gosto de ler, sinto prazer em ler”. Ela serve para nos mostrar se o letramento dos surdos universitários está amadurecido, se eles sentem prazer na leitura. Segundo os dados tabulados, quase todos os voluntários declararam que estão satisfeitos ou muito satisfeitos (figuras 19 e 20). Mas, entre as mulheres, o nível de satisfação é menor, tem mais pessoas que ainda estão no resultado médio e precisam desenvolver mais a sua leitura (figura 19).

A atividade proposta por essa pesquisa para universitários vai ajudar a amadurecer a relação entre o universitário surdo e sua relação com a leitura, mas esse perfil informa que o letramento já existe. Sabe-se que é necessário, para ingressar na universidade, mas os estudos vão tornando essa necessidade cada vez maior. Vendo que os estudantes pesquisados estão interessados em melhorar suas habilidades e competências leitoras, que já existem, foi positivo o conjunto de dados coletados e o perfil leitor dos surdos na universidade está adequado, mas pode melhorar.

A preocupação, por exemplo, é com a mulher surda que respondeu que está bastante insatisfeita com todas as escalas medidas. O dado aparece nos gráficos das mulheres

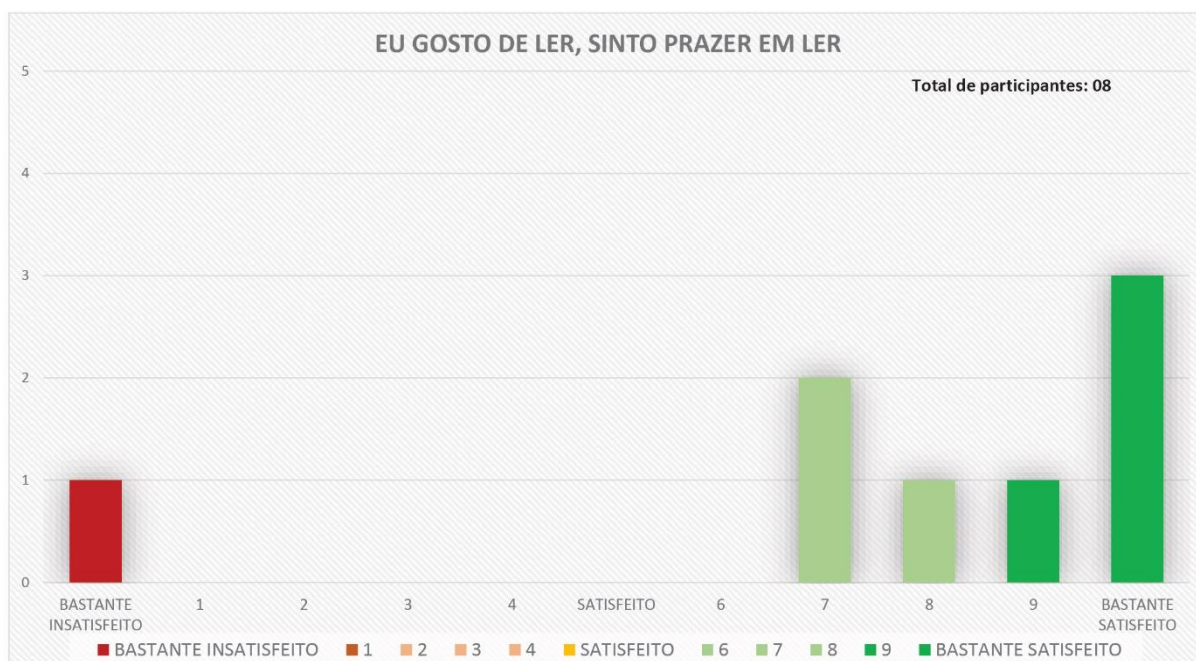
surdas sem identificação, mas foi percebida a resposta no ato da tabulação. É sobre casos como esse que a mediação de leitura literária se torna mais importante, pois vemos que a pessoa está isolada e não consegue fazer uma estratégia para melhorar sua situação, seu esforço será maior e a universidade poderá ajudar em parte, porque trabalha a didática de modo coletivo (figuras 11, 13, 15, 17, 19).

Figura 19: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala H: Algedônica para mulheres surdas



Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Figura 20: Gráfico de resultados da pesquisa da Escala H: Algedônica para homens surdos



Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

4.2 Mediação de Leitura Literária com Quadrinhização

Para iniciar a atividade de mediação de leitura, foi apresentado como iria ser feita, quanto tempo iria durar cada etapa, como as pessoas surdas iriam participar. Foi muito importante o apoio dos intérpretes, para que surdos e ouvintes que estavam nos ambientes das Vivências pudessem cooperar, entender e participar.

Tabela 1: Quadrinhizações literárias, preferências e sucesso dos surdos na atividade leitora

HQ	Mulher Surda	Homem Surdo	Sucesso	Fracasso	Total
O corvo	-	-	-	-	-
A mão e a luva	2	-	-	2	2
Dom Quixote I	-	-	-	-	-
Dom Quixote II	-	-	-	-	-
Auto da Barca	1	-	1	-	2
Amor de Ivan	-	-	-	-	-
Frankenstein	2	1	1	2	4
Odisseia	1	1	1	1	2

A Divina Comédia	-	1	1	-	2
Macunaíma	-	-	-	-	-
Demônios	-	3	2	1	3
Lusíadas	-	1	1	-	-
Conto de Escola	3	2	3	2	5
Ijuca Pirama	2	1	3	-	3
Total	11	10	13	8	21

Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Com a ajuda da ficha de leitura, as obras já estavam com a indicação do nível de dificuldade, tinham um texto de apresentação, uma resenha, o vocabulário mais difícil. Então, a decisão do surdo foi muito importante e individual, na hora de escolher a quadrinhização que iria utilizar para a atividade (tabela 1). Também, ao final da atividade, os surdos descreveram em suas respostas se tinham conseguido compreender o conteúdo, aprender palavras e sinais novos ou sentido emoção na leitura. Quando as respostas foram positivas, consideramos a atividade um sucesso, quando não conseguiram, consideramos o fracasso.

Ao final das Vivências, foi possível ver que as preferências variaram entre mulheres e homens. As mulheres buscaram as histórias mais românticas ou infantis e os homens se arriscaram mais, o que confirma o perfil leitor mais desenvolvido, como apareceu na análise da pesquisa de opinião. Também percebeu que a atividade foi interessante para todos e que poderia ser aplicada diversas vezes, ou como apoio em disciplinas que tratam da literatura, como exercício de leitura.

Em geral, houve muita empolgação e acharam o material muito bonito. São revistas em formato A4, com impressão em quatro cores. Somente tem uma revista que utiliza preto-e-branco, mas a sua presença foi muito importante no momento da observação, pois nos confirmou um dado aprendido na disciplina “História em Quadrinhos e Formação do Leitor”.

Figura 21: Páginas da Quadrinhização Literária “A Morte de Ivan Ilich” de Caeto.



Fonte: (CAETO, 2014, p. 16-17).

O pesquisador e quadrinhista Scott McCloud, que é um dos referenciais teóricos da disciplina, disse que a arte das HQs deve ser esquemática, para que seja mais fácil de compreender cada vinheta. Deve ser obedecido um padrão e as cores têm de ser dosadas, mas é melhor se a arte for em preto-e-branco e o esquema de desenho dos personagens simplificado. Também é melhor se o quadrinhista seguir um padrão que facilite ao leitor saber onde começa e acaba cada vinheta (McCLOUD, 2008).

Figura 22: Aluna examina A Morte de Ivan Ilich após acabar a atividade



Fonte: Registro fotográfico da atividade de Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Então, os próprios surdos, ao examinar as revistas, declararam que *A Morte de Ivan Ilich* (CAETO, 2014) era a quadrinhização mais fácil de ler, mas era “muito grossa” (figura 21). Então, folheavam animados e examinavam, mesmo após o final do exercício que faziam com outra revista (figura 22). Perguntaram por que todas não eram feitas assim, já que facilitava a leitura. O fato de ser maior que as demais revistas atrapalhou a escolha, pois os surdos nunca haviam feito a atividade e ficaram com receio de não conseguirem examinar o material direito em 60 minutos de leitura.

Para confirmar esse conteúdo de McCloud, surdos e ouvintes também se queixaram da quadrinhização *Frankenstein* (figura 23) em *Quadrinhos* (BORGES, 2012), pela falta de padronização de vinhetas, ausência de balões, cores muito escuras, excesso de texto, falta de ritmo de leitura. A quadrinhista Taísa Borges é uma boa desenhista, mas não obedeceu aos princípios explicados por McCloud (2008) e outros especialistas da área, o que prejudicou a propriedade do produto final de seu trabalho para atividades de mediação de leitura como essa.

Figura 23: Páginas da Quadrinhização Literária “*A Morte de Ivan Ilich*” de Caeto



Fonte: (BORGES, 2012, p. 15 e 45).

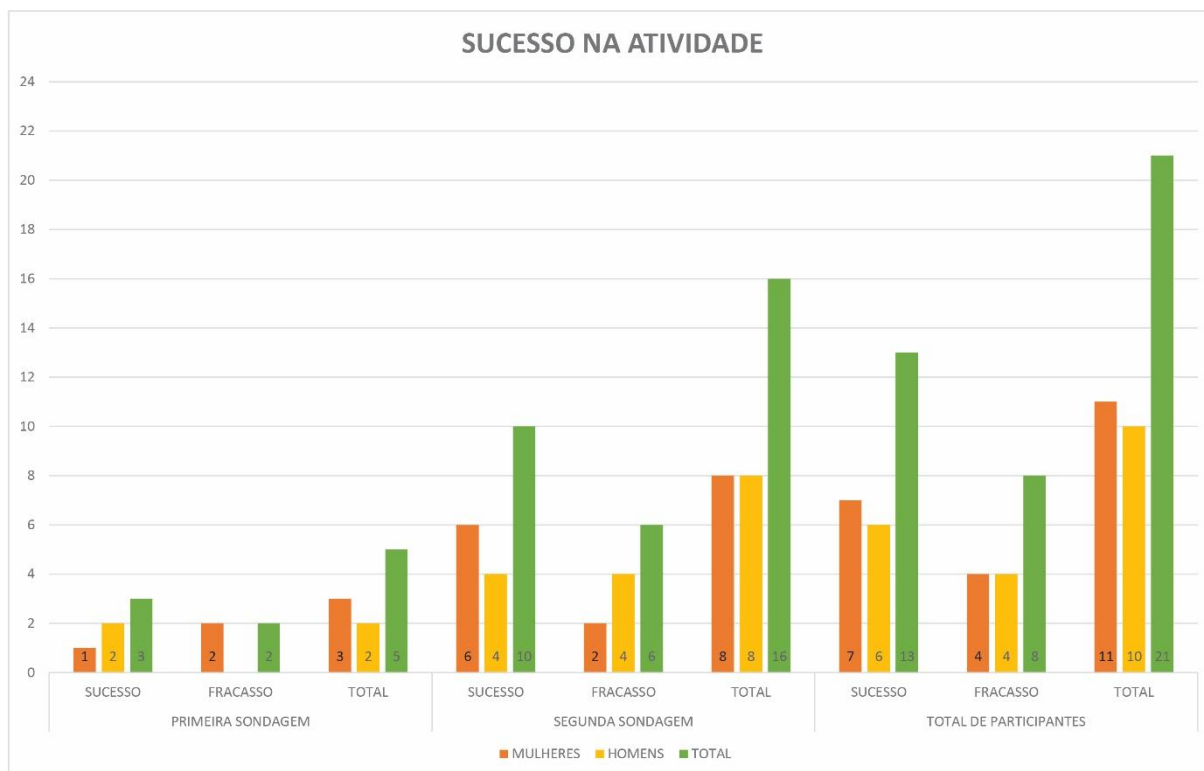
A leitura preferida por todos foi o Conto de Escola, um conto de Machado de Assis com adaptação de Silvino (figura 24). Muito bonito e bem esquemático, a história é interessante e bem adaptada. Algumas pessoas tiveram dificuldade de fazer o seu resumo, mas conseguiram sentir a emoção do menino que aceita o suborno do colega para ajudar na lição. O sentimento da saudade do tempo da escola e das brincadeiras de infância foram lembrados. Os leitores surdos e ouvintes também comentaram com muito carinho as brincadeiras de criança. Essa revista foi e de melhor efeito na mediação da leitura literária, pois a situação que Machado de Assis conta é parte da infância de todos.

Figura 24: Capa da Quadrinhização de Conto de Escola por Silvino



Fonte: (Silvino, 2012).

O sucesso e o fracasso fizeram parte da avaliação da atividade, pois sabíamos que os voluntários teriam dificuldades de leitura. É exatamente essa a situação que justificou toda a pesquisa desenvolvida. Assim, trabalhamos os dados em formato de gráfico, para ficar visível a realidade do resultado. Segundo os dados tabulados e os gráficos estão mostrando, metade dos surdos que voluntariamente participaram do experimento conseguiram atingir o sucesso na atividade (figura 25). Ao comparar as respostas da pesquisa de opinião, vemos que os surdos responderam com otimismo o seu nível de satisfação, ou necessitam de exposição a mais tipos e variedades de leituras, para poder saber realmente de suas fragilidades.

Figura 25: Gráfico de Sucesso na Atividade de Mediação de Leitura Literária com Quadrinhização

Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Após confirmarmos que os objetivos de pesquisa haviam sido atingidos, separamos dois depoimentos para constar do trabalho e análise. Vamos comentar e citar, sem o nome dos depoentes, pois o mais importante é saber sobre as impressões dos mesmos e como contribuimos com a mediação da leitura literária para eles. O dado mais importante que podemos verificar visualmente no gráfico é que o sucesso é sempre maior que o fracasso, mas vemos que a leitura literária ainda precisa de exercício e motivação entre os alunos surdos.

A estudante V, surda que não é oralizada, que participou da primeira vivência e leu I-Juca Pirama (SILVINO, 2012B), descreveu assim a sua experiência leitora:

Não consigo escrever sobre o resumo, porque achei difícil, mas entendi um pouco os quadrinhos, são assustador, bem forte.

São muitas palavras que não conheço o significado, são: murmurejo, uraricoena, tepamunhas, mininico, sarapantear, guaiamuns, ressabiado, temível, maanape, cautelosos.

Assustador, impressionante, violência, tristeza.

Esta é uma estudante que já fez parte dos quadros da UFS, mas desistiu do curso de Arquitetura, pois não conseguiu acompanhar as atividades. Com certeza, a falta do

domínio da leitura em língua portuguesa foi um fator de evasão da estudante, que agora declarou ser vinculada à Universidade Tiradentes (UNIT).

Na segunda Vivência, o estudante J. está no quarto período de Letras Libras, que não é oralizado também, tem uma experiência bem diferente, lendo a mesma quadrinhização escolhida por V.

A história do índio guerreiro que nome é tupi. Tupi ajuda seu pai ficou cego e quebra a perna. Tupi está preocupado. Líder de índio caminhar na mata. Tupi se esconde na mata, eles pegam o Tupi. Ficar preso, sofrer muito, Tupi sentiu chorar, teve coragem de matar os guerreiros índios. Tupi parar para sacrifício.

Eu descobri a palavra “avistar” e “comoveste”, que não conheço.

Eu senti ao ler o texto de I-Juca-Pirama é muito, bem forte emoção e triste.

Figura 26: Páginas da Quadrinhização Literária “I-Juca-Pirama” de Silvino



Fonte: (SILVINO, 2012B, p. 16 e 17)

Após as análises, consideramos que a pesquisa teve êxito e nos levou ao cumprimento dos objetivos, assim como nos fez praticar conteúdos aprendidos nas disciplinas da Biblioteconomia e Documentação. Essa experiência fortaleceu a confiança na Ciência da Informação, pois as Vivências realmente mostraram que a mediação é possível, que a compensação da falta da audição é possível e que o uso das quadrinhizações é viável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrarmos a pesquisa, foi possível retomar objetivos iniciais e avaliar as nossas descobertas mais interessantes. Esta pesquisa investigou a mediação de leitura literária para o estudante universitário surdo, utilizando o recurso da adaptação em quadrinhos, que também é chamada de quadrinhização. Mediar a leitura e formar leitores é uma preocupação que faz parte das atividades do profissional Bibliotecário e Documentalista, seja ele empregado nas escolas, faculdades e universidades, ou então nas bibliotecas públicas e comunitárias.

A pesquisa e todo o seu esforço se justifica nas descobertas que podem ajudar os profissionais envolvidos com a formação de leitor e a inclusão social a cumprirem seu papel social para a autonomia leitora do surdo.

A elaboração do projeto e as primeiras leituras já representou grande aprendizagem, que só veio a engrandecer os conhecimentos sobre o problema da leitura literária e a sua mediação para todo o tipo de leitores. Também, refletimos que os problemas de letramento dos surdos são parecidos com os problemas de todos os estudantes brasileiros, já que a sociedade não dá acesso a leitura de obras literárias, não equipa as escolas e bibliotecas com acervos diversificados, não cria condições econômicas para as pessoas comprarem e lerem os livros de sua preferência também, não contrata o profissional bibliotecário onde ele é necessário.

Por causa disso, foi possível repensar informações que já haviam sido aprendidas desde o primeiro semestre da graduação, começando a refletir sobre a futura atuação profissional e todos os seus desafios para a disseminação da informação, formação de leitores e participação do letramento de todas as pessoas, respeitando suas diferenças, preferências e suas buscas pela realização.

Conseguimos, por meio das sondagens de campo, demonstrar a possibilidade de mediação da leitura literária para surdos, utilizando o recurso já disponível e acessível de quadrinhização literária.

Quanto aos objetivos específicos, pudemos verificar no limite que permitiu essa pesquisa tão rápida. Ficou para nós a possibilidade de prosseguir com esses estudos. Tivemos evidências de que a leitura literária com as quadrinhizações facilita a interpretação do texto e

a obtenção de vocabulário (palavras novas, que às vezes não têm sinal em Libras e precisamos aprender como se usam e o que significam). O trabalho de apresentação das obras foi facilitado, o trabalho do mediador bibliotecário, tradutor, educador para a formação de leitura literária da pessoa surda. Conseguimos, nos breves momentos da vivência, despertar a curiosidade e o interesse pela leitura que não seja só para estudar ou utilizar, mas para passar tempo livre também, formando gosto e hábito.

Consideramos que a aplicação de todos os conhecimentos aprendidos no curso de Biblioteconomia e Documentação não são estáticos, são dinâmicos, e podem ser aplicados em todos ambientes e grupos da sociedade, quando se propõe a formar leitores, disseminar informação e conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABU, Ângelo; DAN X. **Macunaíma em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

BAGNARIOL, Piero; BAGNARIOL, Giuseppe. **A Divina Comédia em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2011.

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro; BAGNARIOL, Piero. **Odisseia de Homero em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2013. (Clássicos em HQ)

BARI, Valéria Aparecida. A quadrinhização como recurso de mediação da leitura literária do surdo. In: MODENESI, Thiago Vasconcelos (org.) ; BRAGA JÚNIOR, Amaro X (org.).

Quadrinhos e educação: procedimentos didáticos. Jaboatão dos Guararapes: SOCEC, 2015. p. 123-144. (Quadrinhos & Educação, v. 2)

BARI, Valéria Aparecida. Dimensão social das bibliotecas públicas no Brasil, trabalhando para o pleno exercício da cidadania. **Revista Brasileira de Biblioteconomia**. Nova série. São Paulo: FEBAB, n.1, v.2, p. 89-95, 2000.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu**.

2008. 248 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/pt-br.php>>. Acesso em 25 de jun. de 2016.

BARI, Valéria Aparecida; VERGUEIRO, Waldomiro. Emoção e Rebeldia: Formação de Gibitecas na Biblioteca Escolar. XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. CBBB 2011. **Anais eletrônicos ...** Maceió: UFAL, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/552/689>> Acesso em 10 de jul. de 2014.

BARRETO, Ângela Maria. Os espaços da leitura. **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: Paulinas, n. XII, v.1, p. 41-53, jan-abr. 2007.

BORGES, Renata Farhat. **Clássicos em HQ**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

BORGES, Taisa. **Frankenstein em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ)

BRASIL, Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Explanada dos Ministérios, 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 08 de agosto de 2015.

BRASIL, Casa Civil. **Estatuto da Pessoa com Deficiência** (Lei nº 13.146). Brasília: Explanada dos Ministérios, 06 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 08 de agosto de 2015.

BRASIL, Casa Civil. **Lei da Universalização da Biblioteca Escolar** (LEI nº 12.244). Brasília: Explanada dos Ministérios, 24 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em 08 de agosto de 2015.

BRASIL, Casa Civil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394). Brasília: Explanada dos Ministérios, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 13 de junho de 2016.

BRASIL, Casa Civil. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Lei nº 10.436). Brasília: Explanada dos Ministérios, 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em 13 de junho de 2016.

BRASIL, Casa Civil. **Plano Nacional de Educação - PNE** (Lei nº 13.005). Brasília: Explanada dos Ministérios, 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em 08 de agosto de 2015.

BRASIL, Casa Civil. **Regulamentação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Decreto nº 5.626). Brasília: Explanada dos Ministérios, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 13 de junho de 2016.

CAETO. **A morte de Ivan Ilitch em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2014. (Clássicos em HQ)

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos, linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial**. São Paulo, Criativo, 2016.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil**. (Tese de Doutorado em Letras) Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, setembro de 2006.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil**. (Tese de Doutorado em Letras) Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, setembro de 2006.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

DORZIAT, ANA (org). **Estudos surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

ESCALA LIKERT. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Escala_Likert&oldid=48398064>. Acesso em: 28 mar. 2017.

FERREIRA, Laudo; VIÑOLE, Omar. **Auto da Barca do Inferno em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2011.

FRANCO, Monique. Educação superior bilíngue para surdos: o sentido da política inclusiva como espaço da liberdade: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v.15, n.1, p.15-30, jan.-abr. 2009.

- GALHARDO, Caco. **Dom Quixote em quadrinhos volume 2**. São Paulo: Peirópolis, 2013. (Clássicos em HQ).
- GALHARDO, Caco. **Dom Quixote em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2005. (Clássicos em HQ).
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GUZZELLI, Eloar. **Demônios em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2010. (Clássicos em HQ).
- IANONNE, Leila Rentroia; IANONNE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Editora Moderna, 1994. (Coleção Desafios).
- IRRTHUM, Luciano. **O corvo em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2009. (Clássicos em HQ).
- LACERDA, Cristina B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES** [online]. 1998, vol.19, n.46, pp. 68-80. ISSN 0101-3262. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>> Acesso em 19 de março de 2015.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- LODI, Ana Claudia B. Lodiet *al.* **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Meditação, 2014.
- LODI, Ana Claudia Balieiro. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.
- MAIA, Elizangela Tiago da Maia. **Leitura literária: entre escolhas, leituras e mediação**. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Poster/Trabalhos_Completos/Elizangela_Maia.pdf>. Acesso em 30/04/2016.
- MASTROBERTI, Paula. Adaptação, versão ou criação? Mediações de leitura literária para jovens e crianças. **Revista Semioses**. Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM), vol. 01. Número 08, fev. de 2011. p.104-112.
- MATTAR, F. N. **Planejamento de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.
- MCCLLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos: os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic novels**. São Paulo: M. Books, 2008.
- MENDONÇA, Márcia. **Ciência em Quadrinhos: imagem e texto em cartilhas educativas**. Recife: Bagaço, 2010. (Coleção Teses).
- MIR, Alex; GENARO, Alex. **A Mão e a Luva em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2013. (Clássicos em HQ).
- MUELLER, Suzana Pinheiro (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. 192 p. (Série Ciência da Informação e da Comunicação).
- NESTI, Fido. **Os Lusíadas em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2006. (Clássicos em HQ).

PAULINO, Graça. **Leitura literária**. Disponível em:

<<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>> Acesso em 10/07/2014.

PERLIN, Gladis T.T. **História dos surdos**. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

SALLES, Heloisa Maria Moreira et ali. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SAMPIERI, Roberto Hernández ; CALLADO, Carlos Fernández ; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia da Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Fabiane Lima. **Inclusão do aluno surdo na sala comum**: o uso da Libras como estratégia para o ensino significativo da língua portuguesa. **Práxis Pedagógica**: Revista do Curso de Pedagogia. Aracaju, Vol. 3; Nº 4, Jan/Jun 2015.

SILVA, Antônio Malheiro da ; RIBEIRO, Fernanda. **Das “ciências” documentais à ciência da informação**: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Afrontamento, 2008.

SILVA, Fábio Irineu da, et al. **Aprendendo Libras como segunda língua nível básico**. Santa Catarina: IFES Santa Catarina/ Campus Palhoça, 2007. Disponível em: <http://www.palhoca.ifsc.edu.br/materiais/apostila-Libras-basico/Apostila_Libras_Basico_IFSC-Palhoca-Bilingue.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2016.

SILVA, Vera Maria Tietzmam. **Leitura literária e outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVINO. **Conto de Escola em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ).

SILVINO. **I-Juca Pirama em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ).

SOUZA, Solange Jobin e. **Infância e Linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 10 ed. Campinas: Papirus, 2006. 173 p.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Tobias Leite**: educação dos surdos no século XIX. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

THE YELLOW KID. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Yellow_Kid&oldid=47055007>. Acesso em: 26 out. 2016.

VEER, René Van Der; VALSINER, Jaan. **Vygotsky**: uma síntese. Tradução Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1996.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela (org.) ; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 7-29.

ANEXOS

ANEXO 1 – TERMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS UTILIZANDO O RECURSO DA QUADRINHIZAÇÃO”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Rebeca Socorro Fontes de Oliveira**, sob orientação da Bibliotecária e Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari, da Profa. Dra. Alzenira Aquino de Oliveira, da Psicóloga Suzana de Oliveira Santana e da Pedagoga Damares Socorro Fontes de Oliveira, a qual pretende verificar a possibilidade de mediação de leitura literária para surdos, utilizando as histórias em quadrinhos como recurso de tradução. Sua participação é voluntária e se dará por meio de vivência de leitura mediada de obra clássica da literatura quadrinhizada, organizada pela Rebeca, com apoio de ficha de orientação, vocabulário, dicionários e a presença de tradutores. Depois da vivência, vamos coletar a opinião dos participantes por escrito, por meio da resposta de três questões e 5 escalas likert. Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para melhorar os conhecimentos sobre a formação de leitores surdos. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora, pelo Whatsapp do telefone (79)9996-2607, ou poderá entrar em contato com o Departamento de Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Sergipe -- DCI.

Consentimento Pós-Informação Eu,(seu nome completo)

_____, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

Nome: _____

Matrícula

UFS: _____

CPF: _____


Data: ____/____/____

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assinar



ANEXO 2 – PESQUISA DE OPINIÃO EM ESCALA LIKERT

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
---	---

Analise as seguintes afirmativas e marque a nota na escala *likert*:



- Escala M: Ética (bom-mau)

Cumpro tarefas e atividades leitoras com meus colegas.

	Bastante insatisfeito											Bastante satisfeito
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		10
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		<input type="radio"/>



- Escala U: Utilidade (útil-prejudicial)

Leio os livros e artigos para entender melhor o conteúdo das aulas.

	Bastante insatisfeito											Bastante satisfeito
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		10
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		<input type="radio"/>



- Escala L: Lógica (Verdadeiro-falso)

Estudo sozinho e faço as leituras das disciplinas com autonomia.

	Bastante insatisfeito											Bastante satisfeito
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		10
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		<input type="radio"/>



- Escala E: Estética (belo-feio)

Tenho autores preferidos, que gosto de ler mais que outros.

	Bastante insatisfeito											Bastante satisfeito
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		10
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		<input type="radio"/>

- Escala H: Algedônica (Prazer-aborrecimento)

Eu gosto de ler, sinto prazer em ler.

	Bastante insatisfeito											Bastante satisfeito
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		10
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>		<input type="radio"/>

ANEXO 3 – ENTREVISTA
ENTREVISTA ESTRUTURADA PARA RESPOSTA VOLUNTÁRIA APÓS A
VIVÊNCIA DE LEITURA MEDIADA

- Enredo: *Você é capaz de escrever a história que leu de forma resumida, cinco linhas?*

- Vocabulário: *Você descobriu o que quer dizer uma palavra? Descobriu o significado de palavra nova? Explique.*

- Interpretação/afetividade: *O que você sentiu ao ler o texto? Emoção? Surpresa? Qual o mais importante para esta leitura?*

- Sou aluno da graduação em Letras/Libras:
() Surdo () Ouvinte

ANEXO 4 – EXEMPLO DE FICHA DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS

CURSO: BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO	
Componente Curricular: Trabalho de Conclusão de Curso II	CÓDIGO CINFO 0055 SEMESTRE/ ANO 2º/2016
DISCENTE: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira – Matrícula UFS 201210029645	
DOCENTE RESPONSÁVEL: Profª Drª VALÉRIA APARECIDA BARI	
TÍTULO DA ADAPTAÇÃO/AUTOR DA ADAPTAÇÃO	
<i>A Mão e a Luva em quadrinhos de Machado de Assis/ Alex Mir e Alex Genaro</i>	
PÚBLICO ALVO	
Leitor surdo em processo (médio)	
COMENTÁRIO SOBRE A OBRA	
Uma obra interessante que narra o romantismo. Uma obra para quem gosta de romance. A compreensão não é difícil e é reflexiva. O que muda é a adaptação, que é escrita no português antigo. Para os leitores iniciantes, é necessária a presença do tradutor, pelo menos no começo da leitura, e o uso do dicionário de Português.	
RESENHA	
Três rapazes brigam pela jovem Guiomar. Estevão, o poeta, ama loucamente de forma pura e inocente. Jorge, sobrinho da baronesa madrinha de Guiomar, deseja melhorar de vida e sente mais interesse do que amor é apoiado pela governanta da família. Com Luís Alves é diferente, ele só passa a admirar a moça depois, mas é homem resolvido e ambicioso, que vai progredir na vida. Assim, os três vivem a disputa e a moça escolhe o que foi mais admirável para ela. Quem Guiomar escolherá para casar?	

VOCABULÁRIO DE APOIO

AMBIÇÃO = Desejo por bens materiais, poder, melhora de vida, glória, prêmios. Pode ter um lado bom, ajudando a pessoa a se esforçar pelo que deseja. Pode ter um lado ruim, quando a pessoa quer o que não é seu ou não merece ter, a todo custo.

COMPÊNDIO = É uma obra que faz a coletânea de saberes e textos de uma área do conhecimento.

EXÍGUAS = Pequenas, poucas.

GORADO = Estragado.

INFUNDE = Contar um fato de maneira mal explicada, indireta. Fazer uma fofoca.

PERSUASÃO = Conversa que apresenta fatos e ideias para tentar convencer uma pessoa sobre uma coisa ou atitude.

PUSILÂNIME = Covarde, pessoa sem coragem de enfrentar os fatos da vida.

SEQUIOSO = Pessoa que tem sede. Pode ser sede de água ou pode ser uma forma de significar ambição.